



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DANIEL DOS ANJOS NASCIMENTO**

**É DE HOMEM OU DE MULHER (A PEDAGOGIA)?  
Formação do pedagogo, uma questão de gênero, preconceitos e desafios**

**ITABAIANA  
2024**

DANIEL DOS ANJOS NASCIMENTO

**É DE HOMEM OU DE MULHER (A PEDAGOGIA)?**  
**Formação do pedagogo, uma questão de gênero, preconceitos e desafios**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

ITABAIANA  
2024

DANIEL DOS ANJOS NASCIMENTO

**É DE HOMEM OU DE MULHER (A PEDAGOGIA)?**  
**Formação do pedagogo, uma questão de gênero, preconceitos e desafios**

Aprovada em: 24 de Maio de 2024.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Fernanda Amorim Accorsi  
(Orientadora)  
Universidade Federal de Sergipe

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Isabela Rosália Lima de Araújo  
Universidade Federal de Sergipe

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Katia Cristina Norões  
Universidade Federal de Sergipe

ITABAIANA  
2024

Dedico este trabalho de conclusão de curso (TCC), aos meus dignos pais Cleonice e Durval, as minhas irmãs Camillas e Iasmim, cujo apoio incondicional foi a luz que guiou esta jornada acadêmica. À minha respeitável orientadora, expresso minha profunda gratidão pela orientação notável fornecida ao longo deste percurso. Estendo esta dedicação a todos os futuros/a pedagogos e pedagogas, desejando-lhes sucesso em alcançar os patamares desejados em suas trajetórias profissionais.

## AGRADECIMENTOS

Desejo expressar minha sincera gratidão à minha querida família, agradeço de coração por serem a base sólida que sustentou meus objetivos. Não posso deixar de agradecer aos meus familiares, minha mãe Cleonice ao meu pai Durval a minhas irmãs Camillas e Iasmim aos meus sobrinhos/a Carlos Eduardo, Enzo, Larissa, Leticia, Lorena Liz e Yago e meus cunhados Jefferson e Rinaldo, minhas primas/a, tios/as e a família Anjos e Nascimento que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e incentivando durante toda a minha jornada acadêmica, me dando total apoio para seguir e concretizar a realização do meu sonho, muito obrigado pelo apoio incondicional e incentivo ao longo dessa belíssima jornada. Saibam que os seus conselhos e palavras de encorajamento foram fundamentais para superar os desafios e obstáculos encontrados no caminho.

A Deus minha enorme gratidão por guiar-me ao longo desta jornada. Em segundo lugar, dedico meus agradecimentos à minha orientadora, a professora doutora Fernanda Amorin Accorsi, pela sua notável paciência, dedicação e orientação durante todo o desenvolvimento de elaboração deste trabalho. As sugestões e conhecimentos compartilhados por ela foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, e sua presença foi essencial para superar desafios e alcançar resultados significativos. A orientação dedicada da professora Fernanda não apenas enriqueceu o meu aprendizado, mas também contribuiu para a qualidade e profundidade do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). As orientações da professora Fernanda não foram apenas um suporte técnico, mas também um incentivo constante para buscar excelência e superar obstáculos.

Aos meus amigos/a de infância e da jornada da vida, Aline, Ana Paula, Andressa, Cosmo, Daiane, Damião, Davi, Diego, Edirlaine, Fernando, Gleiciele, Jessica, Juliana, Juliane, Lais, Laion, Letícia, Lorena, Lucas, Melissa, Miria, Thiago, Vitoria, Vinícios, Wiara e Yasmim, vocês foram os verdadeiros alicerces ao longo de toda esta jornada. Suas palavras de estímulo e apoio foram o impulso que deu vida ao meu sonho, inspirando-me a acreditar em minhas próprias capacidades e perseverar. A confiança que depositaram em mim foi um bálsamo nos momentos mais desafiadores, e é por isso que expresso minha sincera apreciação a cada um/a de vocês.

À Prof<sup>ª</sup>. Dra. Isabela Araújo e à Prof<sup>ª</sup>. Dra. Katia Norões minha enorme gratidão por aceitarem o convite para compor a banca de avaliação do meu (TCC). Gostaria de ressaltar o quão essenciais ambas foram para minha formação acadêmica. Seus conhecimentos valiosos

foram fundamentais para o meu crescimento ao longo deste período, contribuindo significativamente para o desenvolvimento pessoal e acadêmico. Agradeço sinceramente pelo comprometimento e dedicação que demonstraram, desempenhando papéis cruciais em minha jornada acadêmica e, conseqüentemente, moldando positivamente meu percurso educacional.

Expresso minha genuína gratidão aos professores e professoras do DEDI do curso de Licenciatura em Pedagogia, cuja generosidade em compartilhar saberes e vivências foi fundamental ao longo da minha jornada acadêmica. As valiosas lições transmitidas em suas aulas e as orientações dedicadas foram peças-chave na construção do meu sonho. Agradeço pelo comprometimento e inspiração que proporcionaram ao longo do meu percurso educacional.

Ao longo desta jornada acadêmica, fui agraciado ao encontrar não apenas colegas de curso, mas verdadeiros/as companheiros/as intelectuais que se tornaram peças fundamentais no meu percurso acadêmico. Na turma de 2019.2, a troca de conhecimentos foi uma bagagem furtiva e inspiradora. A interação constante, os debates construtivos e as colaborações tornaram-se a essência nessa caminhada pedagógica. É impossível expressar plenamente o meu carinho a todos que contribuíram para esse aprendizado valioso. Cada um de vocês deixou uma semente em meu coração em que é única e valiosa em minha trajetória acadêmica. Juntos, crescemos, superamos desafios e celebramos conquistas, formando laços que transcendem indo além do chão da universidade. Agradeço sinceramente a Adriele, Alaíne, Andreza, Erica, Jayne Rodrigues, Jayne Santos, John, Luana Feitosa, Luana Pacheto, Mirielle, Michelle, Rafaella, Sylvania, Thamires e Thayane. Cada uma dessas incríveis pessoas contribuiu de maneira significativa para a minha jornada acadêmica. Vocês não apenas foram colegas de curso, mas verdadeiros parceiros na busca incessante pelo conhecimento. Que as lições aprendidas e as memórias construídas durante nosso percurso acadêmica continuem a nos inspirar e a moldar nosso caminho para o futuro. Juntos, somos uma comunidade de aprendizado valiosa, e por isso, demonstro meu sincero agradecimento a todos que fizeram parte dessa jornada extraordinária. Que nossas amizades e colaborações perdurem além dos dias de aula, que dure toda a vida. Gratidão por fazerem parte dessa experiência única e transformadora.

Agradeço também aos participantes da pesquisa, que gentilmente dedicaram seu tempo e compartilharam suas experiências, contribuindo para a obtenção dos resultados apresentados neste trabalho. Sem a colaboração de vocês, este estudo não teria sido possível.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para o sucesso e realização deste trabalho, mesmo que não mencionadas nominalmente. Seu apoio e incentivo foram essenciais para a conclusão deste projeto. Que a reciprocidade deste sentimento seja sentida por cada um de vocês, pois, sem dúvida, este feito é resultado de uma rede de apoio que tornou possível a concretização dos meus sonhos acadêmicos. A todos e todas vocês, meu muito Obrigado.

*[...]Andar com fé eu vou  
Que a fé não costuma faiar  
Andar com fé eu vou  
Que a fé não costuma faiar  
Que a fé tá na mulher  
A fé tá na cobra coral  
Oh, num pedaço de pão  
A fé tá na maré  
Na lâmina de um punhal  
Oh, na luz, na escuridão.  
(Gilberto Gil, “andar com fé”)*

## RESUMO

A presente pesquisa aborda angústias e vivências no âmbito acadêmico e no espaço educacional desde 2019, onde tenho questionado a presença dos discentes de pedagogia. O trabalho de conclusão de curso (TCC) é iniciado com uma introdução metodológica, que inclui informações sobre sua natureza bibliográfica e pesquisa qualitativa. Para esta pesquisa, foram realizadas entrevistas com os discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana. Para as análises das entrevistas, foram consultados os seguintes autores e autoras: Alves (2022), Araujo (2015, 2019), Barreto (2021), Carlos (2019), Louro (2007, 2008), Medeiro (2022), Neto (2018), Nobre (2020), Rodrigues (2021), Silva (2020), Souza (2022) dentre outros. No presente trabalho, são apresentados os desafios enfrentados pelos discentes e pedagogos ao escolherem a pedagogia como profissão. A partir das respostas obtidas nas entrevistas, percebe-se a necessidade de superar esses desafios para que homens também possam se inserir nesses espaços. O trabalho é uma busca pela quebra de estereótipos para garantir a inclusão nos espaços educacionais.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Estereótipos; Gênero; Preconceito e Profissão Pedagogo.

## **RESUMEN**

La presente investigación aborda angustias y vivencias en el ámbito académico y en el espacio educacional desde 2019, donde he cuestionado la presencia de los discentes de pedagogía. El trabajo de conclusión de curso (TCC) es iniciado con una introducción metodológica, que incluye informaciones sobre su naturaleza bibliográfica e investigación cualitativa. Para esta investigación, fueron realizadas entrevistas con los discentes del curso de Licenciatura en Pedagogía de la Universidad Federal de Sergipe, en la ciudad de Itabaiana. Para los análisis de las entrevistas, fueron consultados los siguientes autores: Alves (2022), Araujo (2015, 2019), Barreto (2021), Carlos (2019), Louro (2007, 2008), Medeiro (2022), Neto (2018), Nobre (2020), Rodrigues (2021), Silva (2020), Souza (2022) entre otros. En el presente trabajo, son presentados los desafíos enfrentados por los discentes y pedagogos al eligieren la pedagogía como una profesión. A partir de las respuestas obtenidas en las entrevistas, se percibe la necesidad de superar esos desafíos para que hombres también puedan inserir-se en estos espacios. El trabajo es una búsqueda, por la ruptura de estereotipos para garantizar la inclusión en los espacios educacionales.

Palabras clave: Educación Infantil; Esteriotipos; Género; Prejuicio y Profesión Pedagogo.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFS	Universidade Federal de Sergipe
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgeneris, Transexuais, Queer, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, e outros.
PEPECA	Grupo de Pesquisa e Estudos em Prática Educativas, Corpo e Ambiente
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO METODOLÓGICA .....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>GÊNERO E EDUCAÇÃO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....</b>	<b>21</b>
<b>3</b>	<b>ANÁLISE DOS FUTUROS PEDAGOGOS DO GÊNERO MASCULINO: UM ESTUDO SOBRE OS SUJEITOS DA PESQUISA .....</b>	<b>25</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>
	<b>APÊNDICES A– Entrevista com os discentes da Universidade Federal de Sergipe-Campus Professor Alberto Carvalho- Itabaiana/SE.....</b>	<b>54</b>
	<b>APÊNDICES B- Termo de Consentimento Livre Esclarecido .....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

Este trabalho foi escrito no curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e produzido junto do Grupo de Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente (PEPECA). Nesta primeira seção são apresentadas as motivações, as primeiras teorizações, o problema de pesquisa, os objetivos e a metodologia. Conforme os Estudos Culturais, as seções dos trabalhos acadêmicos podem ser reinventadas, construídas como um artesanato, que permitem ao/à leitor/a envolver-se com o tema, cuja apresentação ocorre de modo criativo, sem perder-se das exigências científicas (LOURO, 2007).

Entendo que somos educados/a perante a sociedade para ocupar cargos e profissões generificadas, as quais podem ser excludentes e preconceituosas em relação ao gênero masculino e feminino. Uma delas é a profissão do Pedagogo<sup>1</sup>, assunto que discutiremos neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A escolha do tema tem origem no âmbito pessoal. Por ser homem cisgênero e inserido no âmbito educacional, já passei por situações que ilustram a exclusão e o preconceito mencionados anteriormente. A exemplo de ser chamado atenção para não abraçar os alunos/as da escola, porque as merendeiras e demais funcionárias poderiam pensar algo sobre mim no sentido de eu estar me aproveitando sexualmente da situação. Esta não foi uma mera impressão, foi uma fala vinda da diretora da escola em que trabalho. No momento, não soube como reagir, mas senti o preconceito se instalando nas minhas entranhas.

No entanto, esses acontecimentos, comentários, insultos de diferentes formas ocorrem com os pedagogos que já estão trabalhando na educação do ensino fundamental, pelas teorias estudadas do campo das teorias de gênero, já percebo que não sou um caso isolado, uma exceção e por este motivo, decidi fazer da minha experiência o ponto de partida para um trabalho científico de pesquisa a fim de contribuir com a área da pedagogia, com a valorização da profissão, cujo exercício também é feito por homens.

Ao longo dos tempos somos educados/as de diferentes formas e uma delas é a questão do gênero - em que é dito de homem e o que é de mulher. Somos educados/as o tempo inteiro, a vida toda. Sejam nos brinquedos de carro para garotos e bonecas para garotas, na escolha da cor azul para meninos e rosa para meninas e, ainda, o impedimento de meninos não poderem brincar com meninas. Segundo Louro (2008, p.18)

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, pedagogo será usado no masculino para representar os homens da profissão e não na forma generalista que abrange, de modo machista, homens e mulheres.

Nada há de puramente “natural” e “dado” em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultural. [...] elas e eles costumam concordar que não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo com macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente.

As profissões não estão livres dos estereótipos impostos pela sociedade patriarcal, capitalista e machista brasileira, em que as profissões ditas para mulher são voltadas para a área da saúde, do cuidar como, por exemplo, a enfermagem e a docência e para os homens são as que requerem uma força física maior e/ou um pensamento lógico como engenharia civil, administração, ciências contábeis, direito. Conforme Seffner (2020, p.6), “[g]ênero é um elemento estruturante das relações de poder, e discutir relações de gênero é discutir relações de poder e hierarquias na sociedade, o mesmo valendo para os debates que envolvem as diferentes orientações sexuais”. Com isso, entende-se que o gênero carrega uma marca de poder perante o meio social, sendo desigual para homens e mulheres.

Em outras palavras, quando se fala de profissão, os estereótipos e preconceitos associam os gêneros a caixinhas, um exemplo é a profissão de professor na educação infantil. Segundo Alves e Andrade (2022, p.55),

[...]percebe-se que o trabalho passa por um processo de divisão social marcado em dois princípios fundamentais: o princípio separatista (existem trabalhos de mulheres e trabalhos de homens) e o princípio hierárquico (o trabalho de uma mulher “vale” menos que o trabalho de um homem). Esses princípios sociais são marcos ideológicos conhecidos em todas as sociedades existentes.

Embora a educação infantil seja predominante ocupada pelo gênero feminino, há homens interessados pelo trabalho nesses espaços educacionais, uma vez que no processo forçado de colonização do Brasil, a partir da inserção dos Jesuítas, víamos que a educação era “coisa de homem”, ele era o mestre, o guia, o detentor do saber (ALVES E ANDRADE, 2022, p.55). Historicamente, é relevante pensar que enquanto sujeito histórico (mulheres e homens) produtores e produtoras de conhecimentos e ideias, carregam em seu processo histórico uma herança cultural divisional, ou seja, o gênero masculino e feminino estão separados em seu papel social refletindo na realidade contemporânea.

Com isso, no período da Proclamação da República (1889), esse cenário se inverte, em que a sociedade em seu marco em estereotipar as profissões que exige mais para o homem e menos força para a mulher, ou seja, esses padrões constituído pela sociedade faz com que os homens se retirem do espaço educacional e a mulher seja alocada. O magistério, portanto,

com a presença das mulheres tinha como finalidade prepara-las para o papel de mãe e esposa, por isso a educação era um espaço de atuação das solteiras (PIMENTA, 1995).

Com isso, a educação costumava ser um domínio reservado às mulheres brancas solteiras, especialmente aquelas que pertenciam à classe média, proporcionando-lhes acesso aos espaços educacionais formais.

No entanto, ao ter um homem nesses espaços educacionais, a visão transmitida para ele, é que esse lugar não é seu de pertencimento, dessa forma, são vistos com outros olhares, um olhar preconceituoso nas suas práticas profissionais, e se tornando um alvo de estereótipos em que a sociedade impõe, talvez, seja esse um dos motivos, na qual muitos homens não pensam em fazer uma graduação em Pedagogia, uma vez que o gênero indica quais caminhos devem ser seguidos e quais não são permitidos.

Contudo, quando esses indivíduos são integrados no ambiente educacional, enfrentam discriminação por parte dos responsáveis dos/as alunos/as e funcionários/as da instituição, sendo frequentemente estigmatizados como efeminados e homossexuais. Conforme, Silva e Martins (2016), esse tipo de preconceito ainda é muito comum aqui no Brasil, pois ainda não se formou de forma clara em nossa cultura o ato de um homem fazer o papel de educador infantil. Portanto, a masculinidade é frequentemente alvo de questionamentos, gerando preocupações sobre a possibilidade de influenciar negativamente os filhos, independentemente de serem homens cisgêneros ou homossexuais, que compartilham o mesmo ambiente educacional.

No entanto, é importante ressaltar que nossas escolhas não têm impacto sobre a orientação sexual de outras pessoas, incluindo crianças, uma vez que orientação sexual não é uma opção, nem uma escolha, é um modo de existência fruto de processos e dispositivos que o sujeito acessa ao longo de toda sua vida.

Vale ressaltar também, que o medo de muitas famílias colocarem seus filhos/as numa escola em que o professor é um homem, é por conta que associam o contato com a pedofilia, em que com o toque do pedagogo com seus filhos/as podem acarretar em abuso. Em um país em que o sexo é tabu, em que tratar de sexualidade é visto como um absurdo, as famílias sexualizam a relação professor-aluno/a, ancorando suas opiniões, medos e preocupações em lugares nada científicos.

Para Alves e Andrade (2022, p.55)

Nesse sentido, observa-se uma dificuldade de aceitação no mercado de trabalho destes profissionais, haja vista, um dos argumentos que mais distanciam os homens da docência nas séries iniciais do ensino fundamental, é o fato de serem chamados de pedófilos. Diante deste aspecto, o cuidar vem

sendo determinado por fatores sociais implicados à figura feminina, fazendo com que o pedagogo homem por medo de sofrer rechaças de alegações de abuso sexual e assédio abandonem a profissão.

Segundo o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC, 2023, s/p), “[a] casa da vítima, do suspeito ou de familiares é o pior cenário, com quase 14 mil violações.” Ou seja, a maioria dos abusos ocorre dentro de casa, mas essa informação não é compartilhada corretamente. Independente se é homem ou mulher que está nesse espaço educacional, eles/a só querem fazer o seu trabalho, para formar cidadão com mais consciência.

Dessa forma, com a quebra dos estereótipos e reconhecer a importância da presença masculina nesse contexto, o pedagogo homem nos espaços educacionais, conseguindo ter uma igualdade de gênero, mostrando às crianças desde cedo a importância dos direitos de estarem em qualquer profissão independentemente de ser homem ou mulher e quem nem toda relação precisa ser sexualizada. Diante disso, é importante refletir quais estereótipos e preconceitos afetam os pedagogos homens em suas carreiras, avaliando como essas influências impactam sua atuação profissional. Além disso, é fundamental entender os desafios que os pedagogos homens enfrentam em relação à dinâmica aluno/a-professor e sua integração na comunidade escolar. Reconhecer a importância da representação de pedagogos homens no ambiente escola também se torna crucial para promover a diversidade e contribuir para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e enriquecedor para todos os estudantes. Isso não apenas quebra estereótipos de gênero, mas também oferece modelos variados de referência, enriquecendo a experiência educacional e fortalecendo a compreensão da diversidade de perspectivas na formação acadêmica.

Diante deste cenário, tracei o seguinte **problema de pesquisa**: Quais os atravessamentos das relações de gênero na formação de pedagogo? Serei guiado pelos pressupostos dos Estudos Culturais e pelos Estudos de Gênero para compreender quais são os desafios enfrentados pelos homens em sua prática profissional docente.

Visualizo que papel do pedagogo na educação infantil tem se tornado cada vez mais relevante e necessário, a presença masculina nesses ambiente podem combater a inclusão de professor para que ele sirva de exemplo de que os meninos também podem orientar, educar, instruir. No âmbito pessoal, desde o meu primeiro dia de aula na Universidade Federal de Sergipe, no dia 14 de Outubro de 2019, em que uma turma com 50 alunos/as, com 45 mulheres e cinco homens, ao ver essa realidade, fiquei me questionando por um bom tempo, onde estavam os homens na pedagogia? Será que vão entrar mais homens? Como estava conhecendo a universidade, e não sabia com quem dialogar sobre essas questões, até que, no

segundo período, um colega desistiu do curso e, no 4º período, outro, agora, no final, somos três, e durante a escrita deste trabalho, o ano de 2023, há apenas dois homens e 32 mulheres na turma 2019.2.

No quinto período, cursei a disciplina intitulada "Fundamentação da Investigação Científica", ministrada pela professora Lívia Almeida, foi quando ela apresentou a seguinte pergunta: se você fosse, hoje, escrever seu TCC, qual seria o seu tema e por quê? Foi neste instante que o tema tomou conta de mim e eu respondi que queria pesquisar sobre a questão do pedagogo homem na educação infantil. Onde estão os pedagogos formados? Por que muitos homens não escolhem a pedagogia? Os enfrentamentos aos espaços educacionais por ser homem? E entre outras perguntas e também por vivenciar algumas situações desagradáveis, como já relatadas anteriormente.

Conforme Louro (2007, p. 237):

[...]Quando apresentamos nossas idéias como «fatos», também nos colocamos na posição de quem sabe o que está afirmando e, de algum modo, estamos oferecendo a quem lê a possibilidade de discordar ou concordar com o que estamos dizendo. Quando «recheamos» nossos textos de questões, provocamos um deslizamento na fonte de autoridade e instigamos ou convidamos o/a leitor/a a formular respostas às indagações feitas. Tudo isso ocorre, também, na linguagem cotidiana e, muito frequentemente, não nos damos conta do que se passa. Quando produzimos relatos de pesquisa e teses, precisamos estar um pouco mais atentas a esses processos. O «tom» de um texto pode encerrar uma discussão ou, em vez disso, provocar polêmica ou dissenso.

Academicamente, a pesquisa justifica-se pela necessidade de estabelecer compreensão e entendimento sobre a formação de pedagogos até a sua presença na atuação do espaço educacional, de modo que o desenvolvimento acadêmico seja de grande estímulo para uma representatividade de gênero na educação, a fim que, possa valorizar a inclusão de professores homens nesses ambiente educativos.

A relevância social tende a quebrar o tabu de que associa homens na educação infantil à pedofilia e ao abuso, os quais são automaticamente associados a comportamentos advindos de professores, portanto, é crucial promover a igualdade de gênero, enriquecer a diversidade educacional e proteger os direitos profissionais dos pedagogos. Essas mudança de mentalidade pode contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Nesse contexto, o **objetivo geral** é investigar como a questões de gênero atravessam a profissão de pedagogo no curso de Pedagogia do Campus Prof. Alberto Carvalho, na Universidade Federal de Sergipe, com foco na identificação de preconceitos e desafios enfrentados pelos discentes.

Para isso, delineamos os seguintes **objetivos específicos**: 1) Aplicar um questionário com os discentes matriculados no curso de pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, Campus de Itabaiana-SE, sobre suas vivências na atuação do ensino infantil; 2) Analisar teoricamente a presença de professores homens na educação infantil e a sua concepção na atuação referente aos estigmas e preconceitos; 3) Problematizar as experiências dos discentes entrevistados que atuaram na educação infantil a partir de seus relatos com base dos Estudos de Gênero.

Será feita uma pesquisa do tipo bibliográfica por meio de uma revisão exploratória da literatura. De acordo com Wazlawick (2014, p. 28) “[a] pesquisa bibliográfica implica o estudo de artigos, teses, livros e outras publicações usualmente disponibilizadas por editoras e indexadas.” Nesse tipo de pesquisa, visa-se o aprimoramento de ideias e a descoberta de intuições.

Para a coleta dos materiais utilizados na revisão bibliográfica realizada neste (TCC), serão utilizados a seguintes autores/as como Louro (2008) e Prado; Anselmo (2020) e entre outros. A busca dos dados através do Google Acadêmico se deu por meio de combinações entre as seguintes palavras-chave: Gênero, Profissão Pedagogo, Preconceito, Estereótipos e Educação Infantil. Além disso, será realizada a pesquisa qualitativa, segundo Richardson, (1999, p. 80) em que “[o]s estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender a classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais.”

Vale-ressaltar também que tem com intuito em contribuir para o reconhecimento dos profissionais pedagogos na educação. Nisso será exclusivamente feita com os discentes do curso de pedagogia da Universidade Federal de Sergipe(UFS), Campus de Itabaiana-SE, à sua compreensão acerca sobre suas vivências na formação acadêmica, de modo a compreender suas motivações, percepção com relação à questão do gênero no trabalho, estágio e suas angústias e desafios, tudo isso por meio de uma **entrevista**, na qual gravada com as seguintes perguntas: 1) Você já enfrentou alguma situação de discriminação de gênero durante sua formação? Qual? 2) Você acredita que existem diferenças de gênero na profissão de pedagogo? Por quê? 3) Quais são os desafios que você percebe para os estudantes do gênero masculino que escolhem a Pedagogia como profissão? 4) Como a sociedade enxerga o professor pedagogo? Há estereótipos de gênero na profissão? 5) Qual é o papel da universidade na promoção da igualdade de gênero entre os pedagogos? 6) Quais benefícios a presença de pedagogos homens podem trazer para a educação, especialmente na primeira infância, na educação infantil? 7) Quais estratégias você acha que as escolas poderiam adotar para incluir mais homens como profissional pedagogo? 8) Qual é a importância de discutir

questões das relações de gênero na formação de pedagogos? 9) Por que escolheu cursar a graduação de Pedagogia? 10) Como um futuro pedagogo, como você enxerga o cenário educacional?

E ao ser realizado a entrevista, terá total sigilo em seus nomes, nisso será criado os Pseudônimos para eles, a escolha desses pseudônimos será baseada na inclusão do símbolo da comunidade LGBT, que possui uma bandeira composta por seis cores distintas, cada uma delas carregando significados específicos. As cores presentes na bandeira da comunidade desempenharão um papel crucial na representação simbólica dos indivíduos através dos pseudônimos. Cada cor terá um significado único, contribuindo para a riqueza e a profundidade das identidades criadas. O vermelho será associado à vida, o laranja à cura, o amarelo à luz do sol e ao brilho próprio, o verde à natureza, o azul à serenidade e harmonia, e o roxo ao espírito.

Certamente, apresento abaixo uma tabela contendo informações dos participantes entrevistados da pesquisa:

<b>Cor</b>	<b>Idade</b>
Verde	29 anos
Amarelo	47 anos
Laranja	34 anos
Azul	23 anos
Vermelho	26 anos
Roxo	34 anos

É fundamental ressaltar a relevância de cada cor e seu respectivo significado, pois isso não apenas adicionará camadas simbólicas aos pseudônimos, mas também enriquecerá a narrativa e a representação dos indivíduos no contexto abordado no TCC. A escolha cuidadosa dessas cores não apenas reflete a diversidade da comunidade, mas também destaca aspectos fundamentais da existência humana, como vida, cura, luz, natureza, serenidade e espírito.

Após isso, será descrito toda a entrevista e à abordagem e compreensão dos discentes sobre suas vivências e trajetória em sua jornada no trabalho e suas angústias, para poder ser compartilhada de forma que se possa contribuir para o social, com intuito em combater e conscientizar que o espaço educacional também é para homens.

Espera-se que o presente estudo contribua para ampliar o debate sobre igualdade de gênero no campo da educação, especial na profissão dos pedagogos, para mais, que os resultados proposto possa ser um divisor de águas na vida de muitos, assim, com eu espero que seja na minha, a fim de que possa abrir outros olhares perante os profissionais homens da educação infantil.

## 2 GÊNERO E EDUCAÇÃO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Na trajetória histórica da educação, observamos que os precedentes pedagogos eram predominantemente homens, desempenhando um papel significativo em moldar as práticas educacionais, citamos como orientadores dos pressupostos da Educação John Comenius, Anísio Teixeira, John Dewey, Dermeval Saviani para exemplificar que o mundo educacional foi também construído pela ótica masculina. Os trabalhos notáveis contribuíram para o desenvolvimento e aprimoramento do campo, estabelecendo as bases para a formação de futuras gerações. Nessa fase inicial do século XX, a atuação dos educadores masculinos foi marcada por uma dedicação incansável, influenciando positivamente na educação e, por extensão, a comunidade em seu todo. A presença proeminente desses homens na narrativa da pedagogia destaca a importância de reconhecer e compreender as participações de ambos os gêneros para a evolução do pensamento educacional. Conforme Alves e Andrade. (2022, p. 53)

[...]a história evidencia que os primeiros pedagogos eram homens, em contrapartida, as mudanças recorrentes na sociedade e as novas configurações sociais são essenciais para se entender as mudanças educacionais a partir da chamada Idade Moderna. Os pedagogos eram de grande importância como preceptores das crianças, inserindo-as no mundo público. (2022, p.53)

O termo "pedagogo" não se configura como uma novidade contemporânea, pois sua presença remonta a períodos distantes na história, sendo constantemente destacado e valorizado em âmbito mundial. Desde os primórdios Brasileiros da educação, a figura do pedagogo desempenhou um papel essencial, fornecendo orientação e direcionamento aos primeiros educandos. Com isso a origem do termo "pedagogo" está intrinsecamente ligada à história da educação. Martins (2009, p. 2)

[...]o termo Pedagogia deriva das palavras gregas: *pais*, criança e *agein* — conduzir. Tal uso está, genericamente, voltado à ação resultante da humilde figura do *paidagogós*, o pedagogo que, na Grécia, era o servo incumbido de acompanhar a criança à escola e dos cuidados diários com ela. O uso consagrado do termo pedagogo se generalizou e passou a ser adotado possivelmente por semelhança fonética à sua origem etimológica.

Evidencia-se a importância significativa dos pedagogos do gênero masculino no contexto pré-escolar. Sua presença destacada atribui uma relevância notável a essa fase crucial do desenvolvimento educacional. Mas sabemos que não é bem assim, nos dias de hoje, terceira década do século XXI, pois, homens pedagogos enfrentam tabus no espaço infantil, em que uma sociedade dita qual é o lugar dos gêneros (ALVES E ANDRADE, 2022).

No período compreendido entre 1760 e 1840, durante a Revolução Industrial, o mundo experimentou significativas transformações que reconfiguraram as dinâmicas sociais. Um dos aspectos marcantes desse processo foi a redefinição dos papéis das mulheres na sociedade. Anteriormente concebidas predominantemente como cuidadoras e mães do lar, as mulheres viram sua percepção social ser influenciada pela crescente ênfase na produção. Essa mudança reflete não apenas uma reorganização das estruturas sociais, mas também a emergência de outras possibilidades para meninas e mulheres, desafiando as tradicionais limitações associadas aos seus papéis generificados. Alves e Andrade (2022, p. 54) analisam que

[n]esse sentido, a mulher que até então era somente uma cuidadora do lar, mãe e esposa, passa a se efetivar no mercado de trabalho a partir da Revolução Industrial. Desse modo, com a mudança da mulher saindo do lar e se efetivando no mercado de trabalho, observa-se que esse processo reflete diretamente no sistema escolar. Inicia-se uma feminização da prática docente, sobretudo, relativo às séries iniciais.

Nesse contexto, a divisão social gerou um considerável preconceito, especialmente no que diz respeito à presença do homem educação infantil. Com a crescente feminização do magistério, homens podem sentir-se mais atraídos por essa profissão apenas se houver uma significativa melhoria nos salários. Se houver um aumento salarial substancial, é possível que as mulheres continuem a ingressar no magistério em grande número, mantendo assim a tendência de feminização dessa área profissional. Essas disparidades refletem uma estrutura enraizada no machismo, que também atua sobre os meninos, perpetuando normas sociais que limitam e restringem a participação dos homens nesse cenário. É relevante notar que, historicamente, muitas mulheres foram marginalizadas e privadas de espaço para expressar suas vozes. Alves e Andrade (2022, p.54) abordam que

[c]om tantas reivindicações propostas e muitas delas atendidas, a mulher passa a ocupar um lugar representativo na sociedade. Passa a trabalhar de forma mais digna, a ter direito de voto e começa a participar de forma mais ativa na política. Desse modo, a escola teria a missão de preparar os trabalhadores, tornando-os mais hábeis e eficientes em suas funções, serem cidadãos exemplares e trabalhadores disciplinados.

Isso evidencia a politização crescente no espaço educacional, especialmente notável pela influência e participação ativa das mulheres. Uma análise do contexto histórico reforça essa transformação, destacando a evolução do papel feminino no ambiente educacional e sua contribuição significativa para a dinâmica política em sala de aula. Vale ressaltar também que essa troca de “papel trabalhista” se dá por trás de um olhar arcaico do homem, em que o seu valor está atrelada a estereótipos de gênero, nos quais se espera que ele desempenhe funções específicas e predefinidas.

A expansão das oportunidades educacionais e profissionais para os homens, que buscaram outras formações e empregos fora do espaço tradicional que ocupavam, criou oportunidades para as mulheres, desempenharem um papel fundamental nesse processo. Com a saída dos homens em busca de outras oportunidades, as mulheres se tornaram peças-chave na conquista de avanços e ocupação de espaços anteriormente dominados por uma perspectiva mais limitada de gênero. Essa mudança não apenas evidenciou a capacidade das mulheres de assumirem responsabilidades antes reservadas aos homens, mas também destacou a importância da diversidade de habilidades e perspectivas no ambiente de trabalho. Silva e Arantes (2021, p. 3) explicam que

[...]a educação da mulher continuava voltada para seu papel de mãe e esposa. Com turmas e escolas separadas das masculinas, as mulheres recebiam também educação diferenciada. Enquanto os meninos aprendiam a ler, escrever, realizar as quatro operações básicas, lidar com números decimais, proporções e geometria, a educação das meninas estava limitada às primeiras letras, abrangendo apenas o conhecimento da leitura, escrita e das quatro operações básicas. Além disso, elas deveriam aprender a cozinhar e bordar.

Baseando-se nas teorizações de Silva e Arantes (2021), a educação das mulheres estava centrada no papel tradicional de mãe e esposa e as escolas eram separadas por gênero, e as mulheres recebiam uma educação limitada, focada principalmente em habilidades básicas como leitura, escrita e operações matemáticas simples, enquanto os homens tinham acesso a um currículo mais abrangente, incluindo temas como geometria e números decimais. Essa disparidade refletia as expectativas de gênero da sociedade da época.

Connel e Pearse (2018, p. 11) abordam que

[e]nquanto grupo, as mulheres têm menos chances de serem encontradas na esfera pública do que os homens, e quando o são, têm menos recursos à disposição. Em quase todas as partes do mundo, é mais provável que os homens tenham empregos renumerados. As medições comuns da economia, baseando nas práticas dos homens.

De acordo com Connel e Pearse (2018), as mulheres, como grupo, enfrentam desigualdades na participação na esfera pública em comparação aos homens. Elas têm menos oportunidades e recursos disponíveis nesse âmbito. Globalmente, os homens têm maior probabilidade de ocupar empregos remunerados, e as medidas econômicas comuns frequentemente refletem as práticas predominantemente masculinas, contribuindo para disparidades de gênero e para os preconceitos que assolam elas e eles.

A presença mais significativa das mulheres em diferentes setores contribuiu para uma abordagem mais abrangente e enriquecedora na resolução de problemas e na tomada de decisões. Silva e Medeiros, (2022, p. 11)

[...]o homem tinha um papel importante na construção do conhecimento das crianças, com as mudanças da sociedade, esse papel foi se perdendo ao longo do tempo, e o homem se distanciou da pedagogia para buscar outras profissões. O abandono do homem para com a pedagogia abriu espaço para que as mulheres se destacassem na conquista de uma profissão ser professora. Sendo assim, esse passo foi fundamental para que a partir dessa profissão as mulheres lutassem pelos seus direitos.

Contudo, apesar dessas mudanças, os marcadores sociais e a própria estrutura da sociedade ainda influenciam as percepções e oportunidades para diferentes gêneros.

Com o social em seu todo passando por grandes transformações, não se pode ser dito o que é de homem é de mulher, diante de qualquer área de trabalho como também na profissão da educação (SILVA; MEDEIROS, 2022)

Em um contexto mais abrangente mundial, sobretudo nos países ocidentais, a luta pela igualdade de gênero não se traduz necessariamente em uma competição pela conquista de espaços, mas sim em um esforço para superar as barreiras que ainda persistem. A ideia é criar uma sociedade mais inclusiva, na qual as pessoas possam explorar seus interesses e habilidades independentemente das expectativas tradicionais de gênero.

Outrossim, enquanto avançamos em direção a uma compreensão mais flexível e diversificada dos papéis de gênero, ainda há desafios a serem enfrentados para eliminar completamente as influências sociais que podem restringir as oportunidades em base os gêneros. A busca por igualdade visa não apenas a coexistência pacífica, mas também a promoção de um ambiente onde todos e todas tenham liberdade e igualdade de oportunidades.

### 3 ANÁLISE DOS FUTUROS PEDAGOGOS DO GÊNERO MASCULINO: UM ESTUDO SOBRE OS SUJEITOS DA PESQUISA

Na presente seção do trabalho, procederei à análise das entrevistas realizadas com os estudantes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia. Para garantir a confidencialidade dos entrevistados, serão utilizados nomes fictícios, a saber: Vermelho, Laranja, Amarelo, Verde, Azul e Roxo.

É amplamente reconhecido que homens do gênero masculino matriculados em cursos de pedagogia, nos quais a maioria dos estudantes é composta por mulheres, frequentemente enfrentam diversas formas de discriminação de gênero ao longo de sua formação acadêmica e as interações interpessoais permeiam nossas vidas, manifestando-se por meio de diversos meios, como gestos, comunicações verbais e não verbais, avaliações e outras modalidades. Diante disso, foi se perguntando o seguinte: Você já enfrentou alguma situação de discriminação de gênero durante sua formação? Qual?

Vermelho disse:

Sim, eu analiso essa forma de discriminação, através de não verbais, mas sim o gesto e observações mesmo. Já analisei aqui dentro da ufs, assim quando cheguei. Na verdade, aqui na universidade é olhares tipo, de ser um homem dentro do curso de pedagogia, dentro da sala de aula também. E o pessoal olhar muito quando vai fazer trabalho em grupos, geralmente evidencia muito mais isso porque mesmo no início está todo mundo ali conversando e tudo, mas quando fala, trabalha em grupo, geralmente há aquela divergência. Há, geralmente a figura masculina fica de canto nesse sentido é, já teve um relato. Eu acho que esse realmente se encaixa que um colega meu me falou, oxe, é o único homem dentro da sala de aula é, quer dizer, tinha outros colegas. Então, esse negócio de situação de gênero pesa bastante, porque há um olhar meio voltado para isso, com uma ação verbal que traz aquele sentido de preconceito enraizado nessa situação, dentro da sala de aula é como eu falei, já teve olhares, já teve comentários.

Para Silva e Martins (2016), no nosso dia a dia, enfrentamos preconceito contra outras etnias, homossexuais, idosos, preconceito linguístico, pessoas com corpo gordo, pessoas magras, pessoas altas, pessoas baixas e pessoas com deficiência. Existem certas pessoas, condições sociais, diferenças religiosas, costumes de discriminação, etc.

Não há como negar que o preconceito e a discriminação estão profundamente enraizados na nossa sociedade e permeiam em todos os lugares e também nos ambientes acadêmicos. É importante compreender que o silêncio sobre estas questões apenas mantém a existência desses tabus.

Roxo também aborda que:

Então, é ao longo desse período de como discente, eu presenciei sim, algumas coisas. Por exemplo, é em estágio, que a gente sempre sente mais quando está em campo. Questões de, esse professor é homem e, ficar com crianças não sei se é bom. E da parte da universidade também, eu já presenciei falas: está estudando mas ser pedagogo é mais para mulher do que para homens.

Nesse sentido Gonçalves e Penha (2015) desmistificam a ideia de que não há lugar para o homem atuar como professor da primeira infância, pois se o homem for visto como educador em casa, também poderá contribuir significativamente no processo educativo da criança na escola. No entanto, não se trata apenas de ser mulher ou homem, trata-se de estar treinado para essa função, de ter estudado para exercer a profissão.

O preconceito ainda persiste no mundo de hoje, no século XXI, e isso se reflete em concepções recorrentes sobre os homens que optam por trabalhar na área de educação infantil. Existem estereótipos que diminuem ou subestimam o papel destes profissionais na educação e sugerem que a profissão não é adequada para eles ao mesmo em que associam a figura feminina à maternidade, logo estaria apta à docência, como se maternidade e docência fossem sinônimos e/o atuações complementares. Tais atitudes revelam preconceitos profundamente arraigados que ignoram as competências, profissões e contribuições dos indivíduos, e reforçam ainda mais as normas de gênero ultrapassadas que limitam as escolhas e oportunidades de carreira.

A Cor Azul expõe também que.

Sim, no começo, as pessoas perguntavam, tem certeza você quer cursar pedagogia, trabalhar com criança? Porque o pessoal tem muito essa visão que a gente só trabalha só com crianças. Daí as pessoas olhavam assim, meio torto, o fato de trabalhar com criança, porque não vinham aqui como se não fosse algo para mim. Eu sentia esse julgamento, não era algo pro homem assim, tá trabalhando com criança.

Conforme Medeiros e Silva (2022), quando os homens assumem funções na educação infantil e na primeira infância, sua orientação sexual, seu profissionalismo e até mesmo valores morais são questionados.

Com isso, é importante desafiar essas percepções e promover uma abordagem inclusiva e igualitária à educação que reconheça e valorize o papel dos homens na educação infantil. Isto não só expande a diversidade de possibilidades de carreira e modelos educacionais, mas também trabalha para reduzir o preconceito de gênero que permeia a sociedade e promove um ambiente mais justo e igualitário para todos os profissionais.

As disparidades de gênero são observadas em diversas esferas profissionais, permeando desde ambientes de varejo até campos esportivos e estabelecimentos locais. No entanto, neste

contexto, focalizarei a percepção dos entrevistados sobre a diferenciação de gênero na profissão de pedagogo. Posto isto foi abordado o seguinte questionamento: Você acredita que existem diferenças de gênero na profissão de pedagogo? Por quê?

Através de suas respostas, exploramos como tais distinções são percebidas e manifestadas dentro dessa área específica de atuação.

A Cor Verde diz:

É bem mais um pouco mais complexa é por que realmente a gente ver que existe essa diferenciação de gênero na profissão do pedagogo. Onde normalmente as escola os concursos eles priorizam que seja é, efetivo as mulheres no cargo de pedagogas, como se fosse a responsabilidade delas, com aquela caricatura de mãe, mais acolhedora em si. Já nos homens é mais visto como um algo que não deveria está naquela profissão, né, devido ao olhar da sociedade que possa ser que sugeri que a gente cometa alguns atos com as crianças.

A partir das declarações do entrevistado, percebe-se a existência de uma disparidade de gênero na profissão de pedagogo, que é evidente em nossa realidade. Nas escolas, as mulheres são priorizadas, tanto na efetivação quanto nos concursos públicos, nos quais os editais muitas vezes reservam vagas exclusivamente para o sexo feminino, excluindo os homens da participação, além disso, esta desigualdade de gênero também perpetua o estigma de que os homens podem representar um risco para o cuidado e a segurança das crianças, criando medo na sociedade. Esta percepção pode influenciar a relutância em contratar homens para cargos relacionados com a educação infantil, por medo de possíveis abusos ou comportamentos inadequados.

Para Medeiro e Silva (2022), quando a sociedade como um todo manifesta medo dos professores em sala de aula, lembre-se que esses profissionais passam por um processo de formação acadêmica que inclui teoria e prática, além de um processo seletivo (em alguns casos, concurso) para comprovar sua competência. Você pode desenvolver atividades em sala de aula junto com as crianças.

Só que muitas das vezes não é essa realidade, diante disso, surge a questão: onde estão os homens? Eles tendem a ocupar posições de gestão, enquanto as salas de aula são predominantemente compostas por professoras. Isso ocorre porque desde cedo os meninos são ensinados a liderar e a tomar decisões, enquanto as meninas são incentivadas a obedecer. Essa disparidade de gênero reflete-se também na divisão de papéis na sociedade, em que a gestão é associada à liderança, deixando as mulheres em posições subordinadas.

Oliveira (2015), o fenômeno da integração diferente de homens e mulheres no mercado de trabalho é denominado segmentação específica de gênero ou segregação do mercado de

trabalho. Esta classificação refere-se à concentração de oportunidades de emprego para mulheres em setores com atividades específicas e em setores onde o número de ocupações está a diminuir dentro do setor produtivo. A segmentação vertical do mercado de trabalho por gênero refere-se ao fato de as mulheres, enquanto grupo, estarem em desvantagem em comparação com os homens em termos de salários, desenvolvimento funcional (estatuto) e condições de trabalho (incluindo responsabilidades de subsistência). Familiares do gênero masculino) são frequentemente ignorados.

Já o entrevistado da cor amarela respondeu que:

Cor Amarelo diz:

Infelizmente existe, porque dificilmente um pai principalmente escolas particulares porque irar aceitar o tio na sala de aula. Porque já criaram aquela imagem da tia, da mulher, que é a mãe. Que tem aquela imagem da mãe. E eu, particularmente, vejo uma resistência com relação ao profissional, principalmente na educação infantil. Nas séries mais avançadazinha tipo o quarto ano, quinto ano, ainda va. Mas nas séries menores, principalmente na educação infantil, eu acho bem complicado, pedagogo do sexo masculino ele atuar.

O trabalho dos educadores do gênero masculino em ambientes escolares continua a enfrentar grandes obstáculos. Com isso, Ferreira e Oliveira (2019), com ênfase nas escolas da educação infantil, afirmam que a presença de educadores e auxiliares de ensino do sexo macho, mesmo em número reduzido, pode gerar insatisfação entre famílias e instituições.

Particularmente em ambientes escolares, as instituições privadas muitas vezes apresentam preconceitos quando se trata de incorporar estes especialistas nas suas aulas. Além disso, há uma percepção arraigada de que a educação infantil é prioritariamente uma área feminina, o que está associado à imagem de compaixão e educação representada pela cor amarela.

Neste contexto, afirma Ferreira e Oliveira (2019, p.306) que

[a] observação da atuação docente na educação infantil destaca uma realidade singular em relação a grande parte do mercado de trabalho no Brasil, pois há uma presença quase exclusiva de mulheres exercendo tal profissão. A inserção do homem no âmbito educacional diretamente ligado à educação infantil é permeada por estereótipos e preconceitos em relação aos pedagogos homens.

A persistência destes estereótipos não afeta apenas a diversidade de gênero dentro da profissão, mas também a representação e os modelos educativos oferecidos às crianças desde os primeiros anos de vida. A falta de reconhecimento e aceitação dos professores do sexo masculino não só limita as suas oportunidades profissionais, mas também reforça padrões de gênero prejudiciais entre profissionais e estudantes. A superação destas barreiras exige um esforço maior para promover uma cultura educativa inclusiva onde o valor do trabalho e das

contribuições de todos os educadores, independentemente do gênero, seja plenamente reconhecido e valorizado. Com isso, a Cor Laranja, expõem que:

E a história mostra por si só, porque é uma construção histórica a mulher desde sempre, ela é sujeita para cuidar do lar das crianças e da família e o homem para trabalhar não é para o lar, e quando o homem sai do trabalho pesado do trabalho braçal, passa a ir para uma sala de aula é lidar com crianças, lidar com jovens até mesmo lá na Eja e lá na frente, e quando está inserido a visão de preconceito é inserido.

As mulheres são frequentemente estereotipadas como tendo a responsabilidade principal de cuidar da casa e de proporcionar amor e atenção, um papel tradicionalmente reservado às mulheres. Este estereótipo é cultivado desde cedo, quando as meninas são criadas para exercer a maternidade e adquirir as competências essenciais para ser uma “boas mães”. No entanto, faltam orientações semelhantes para os rapazes, e eles raramente são encorajados a participar em atividades que desenvolvam competências parentais, como brincar com bonecas, pela mesma razão em de serem “bons pais”.

Conforme Junges e Schwertner (2017, p. 264) explicam que

[...]a criança não nasce sabendo que pertence ao gênero masculino ou gênero feminino, mas aprende esses conceitos a partir do meio em que está inserida. Ou seja, através da decoração do quarto, dos brinquedos, das roupas e adornos/acessórios, uma vez que, para uma bebê menina, os quartos geralmente são pintados nas cores rosa, lilás, com detalhes delicados e pomposos, com flores, topes, bonecas, pois a sociedade espera que as meninas sejam meigas, carinhosas. Já os quartos de meninos geralmente recebem o azul, o verde como cores predominantes; os brinquedos e presentes que recebem trazem motivos esportivos, como bolas, carrinhos, skate, pois a sociedade espera que os meninos sejam ativos, fortes e corajosos. Sendo assim, dificilmente um quarto de menina será pintado de azul, e dificilmente os meninos terão quarto rosa, com bonecas e artigos de cozinha – tampouco uma composição de tudo isso para ambos.

Ou seja, desde cedo somos ensinados a obedecer a padrões pré-determinados, o que muitas vezes limita as opções futuras dos meninos e das meninas. Os estereótipos de gênero são inseridos desde cedo e limitam certos comportamentos e preferências. Cores como o azul para os meninos e o rosa para as meninas, e as cores dos brinquedos, como as bonecas e os carros, são cuidadosamente atribuídas, reforçando a ideia de que determinadas atividades e interesses são exclusivos de determinados gêneros, o que restringe a autonomia e a escolha das crianças.

Para Junges e Schwertner (2017), quando uma criança prefere ou brinca com brinquedos que não são considerados “apropriados” para o seu gênero pelos padrões sociais, esse comportamento, como ouvimos frequentemente, pode causar preocupação, medo e medo nos familiares que testemunham o momento. Numa tal situação, porque é que os rapazes não podem tornar-se pais que valorizam os seus filhos sem medo da homossexualidade? Quando

as crianças se encontram num momento de exploração e brincadeira, muitas vezes interpretam e criam os jogos que estão a desenvolver sem se preocuparem se estão certos ou errados. Neste momento a criança tem a liberdade de viver esse momento como quiser. Emoções, tristeza, medo, alegria, entusiasmo, fascínio e paixão são algumas das emoções que as crianças podem sentir durante as brincadeiras livres. No entanto, este trabalho é muitas vezes mal compreendido pela sociedade.

Diante deste contexto, observa-se que a resposta da cor azul segue uma trajetória semelhante às cores verde, amarelo e laranja quando considerada o seguinte aspecto:

Cor Azul:

Eu acredito que existe sim, porque se você observar até na minha carreira como estou trabalhando agora na formação, aí eu percebo assim que, por exemplo, na educação infantil, é visto como uma coisa só de mulher, raramente você encontra um professor na educação infantil, lidando com pré-escola, creche de crianças de 2, 3 anos, um pedagogo homem é muito difícil. Eu assim até hoje pra dizer que eu nunca vi, eu vi 1 só. Mas assim, há muitos anos e nem era um povoado próximo ao meu, que era um pedagogo, um homem que trabalhava na educação infantil. E quando eu vejo pedagogos homens trabalhando na profissão, é normalmente quarto e quinto ano, porque eles são mais “grandinhos” é a criança vai conseguir se defender ou relatar alguma coisa se caso o ele “passar dos limites”. Eu percebo que, por exemplo já existe essa diferença, mas se o homem for pedagogo, ele tem que ficar restrito pela sociedade 4º e 5º ano, porque eles são mais maiores ou eles tem que ser um coordenador pedagógico.

A realidade aqui descrita evidencia a disparidade de gênero no domínio da educação infantil. Embora as mulheres constituam a maioria dos professores de creches e jardins de infância, os homens têm menos chances de preencher essas funções e muitas vezes trabalham com crianças mais velhas. Esta divisão reflete normas sociais profundamente enraizadas nas quais os papéis de gênero são atribuídos de acordo com as crenças de cada gênero sobre as suas capacidades e competências. A razão implícita para esta divisão é que as crianças mais velhas são mais capazes de se protegerem e denunciarem abusos, enquanto as crianças mais novas são vistas como mais vulneráveis e necessitadas de cuidados maternos.

Conforme, Araujo e Hammes (2015), a pedofilia, a homossexualidade, a visão de que educar e cuidar dos filhos/as é trabalho exclusivo das mulheres, ou simplesmente precisamos realmente de homens para criar os filhos/as, ou existem outros empregos para os homens.

No entanto, esta divisão de gênero na educação infantil pode reforçar as desigualdades de oportunidades e levar à perpetuação de estereótipos de gênero. Portanto, a promoção da igualdade de gênero na educação requer um esforço consciente para superar estas normas e

expectativas sociais e permitir que homens e mulheres desempenhem papéis diferentes mas igualmente importantes na educação e criação das crianças.

A presença de educadores do gênero masculino na educação infantil enfrenta diversos desafios que impactam tanto o ambiente educacional quanto o estigma. Perante o exposto, foi abordado o seguinte: Quais são os desafios que você percebe para os estudantes do gênero masculino que escolhem a Pedagogia como profissão?

Estes profissionais não só têm de lidar com os preconceitos diretos e indiretos, mas também com barreiras sobre a aceitação no campo da educação.

Além disso, os estudantes do gênero masculino que escolhem tornar-se educadores também enfrentam estes desafios impostos pela sociedade e requerem abordagens sensíveis e estratégias concretas para superar tais barreiras e promover a igualdade de gênero na educação. É como fosse necessário afirmar: “não, não somos molestadores de crianças, somos professores”.

Cor Roxo diz que:

Os primeiro desafios que eu vejo, é principalmente em relação ao mercado de trabalho. Eu vejo, é uma discriminação em relação ao homem em ser pedagogo. No meu caso, eu não teria vontade de ensinar crianças pequenas. Eu falo assim, bebês. Mas eu já ouvi pessoas dizendo que ah, como é que um homem vai cuidar de um bebê? Como é que vai cuidar de crianças pequenas? Como se o homem não tivesse essa condição. Eu já ouvi muito isso e esse é um desafio. É fazer com que as pessoas observem e olhe o homem como um pessoal que consegue também e ensina como uma mulher ou como qualquer outra pessoa.

No entanto, para Piazzetta e Gonçalves (2000), quando os homens escolhem a docência, os homens são questionados pela sociedade sobre dois aspectos principais: desempenho ocupacional e orientação sexual. Em contraste com as professoras, os professores do sexo macho estão expostos à polarização (feminino/masculino, heterossexual/homossexual) e são considerados inaptos para ensinar porque ocupam um polo da polarização.

Isto é, a discriminação contra os homens que optam por se tornar educadores é real para todos nós. É importante sublinhar que os homens, tal como as mulheres e todas as outras pessoas, têm as competências e a sensibilidade para ensinar e cuidar das crianças. Superar estes preconceitos é um desafio constante, mas é importante que as pessoas reconheçam e valorizem as contribuições dos homens para a educação infantil.

Já o entrevistado Cor Amarelo expõe que:

Os desafios já está aí, enfrentar o mercado de trabalho, sendo que é um mercado de trabalho tipicamente feminino, e que um homem vai ter que disputar espaço com a mulher, e enfrentar todos paradigmas de preconceitos. E receios em todas essas questões.

Para Gonçalves e Penha (2015) desmistificar a ideia de que não há lugar para o homem atuar como professor da primeira infância, pois se o homem for visto como educador em casa, também poderá contribuir significativamente no âmbito educacional.

Diante disso, o mercado de trabalho precisa ser mais inclusivo, seja para homens quanto para mulheres, e que não seja questionado a sexualidade de nenhum dos gêneros, e muito menos seja dita qual o gênero que se adequa a profissão.

A sociedade impõe frequentemente estereótipos e rótulos aos educadores do sexo masculino, o que muitas vezes limita as suas oportunidades e reconhecimento profissional. Em vista disso, foi se perguntando na entrevista o seguinte: Como a sociedade enxerga o professor pedagogo? Há estereótipos de gênero na profissão?

Os homens que trabalham como professores ou estudam educação, são frequentemente rotulados como homossexuais, o que é um estereótipo injusto e prejudicial. Estes termos têm frequentemente conotações homofóbicas e contribuem para o preconceito e a discriminação generalizados. Esta prática não só prejudica as pessoas afetadas, mas também cria um ambiente de exclusão e intolerância.

Para Silva e Martins (2016, p.6), devido ao magistério ter poucos homens atuantes, aqueles que o praticam são rotulados como homossexuais, principalmente os indivíduos que trabalham diretamente com crianças pequenas. Esses rótulos vão desde a suposição de que os homens não estão dotados da sensibilidade necessária para lidar com crianças até a falsa associação entre masculinidade e áreas de trabalho consideradas mais ‘adequadas’ para o gênero masculino.

Diante disso para Carlos, (2019, p.13) diz que:

Os estereótipos encontram-se, associados a processos que discriminam e baseiam-se em preconceitos ou ideias pré concebidas que de alguma forma moldam as relações interpessoais e as expectativas sociais em relação a determinados indivíduos, apenas porque estes pertencem a certos grupos ou categorias sociais.

Com isso, em contra partida a Cor Amarela relata que:

Existe, é uma profissão tipicamente feminina. Apesar que tem se ingressado cada vez mais homens, certo? Mas, tipicamente, é historicamente já comprovada que é uma profissão é típica da mulher. Porque a pedagogia, ela é um curso voltado pra ensinar a criança. Só que, ultimamente, esse a pedagogia ela tem saído desse ciclo. Ela tem partido pra outros campos. E esses outros campos é que têm atraído às vezes até homens. Porque você pode ser um psicopedagogo, você pode trabalhar numa empresa, no RH numa empresa. E isso abre esse leque, que de oportunidades tem sido aberto pode tem atraído os homens.

Para Silva e Martins (2016), muita gente já ouviu falar que para ser professor é preciso ter algum tipo de “talento”, é preciso gostar de crianças, sem dúvida que isso exige muito estudo, dedicação e formação superior provavelmente. Quando se trata de crianças pequenas, sempre pensamos nas mulheres no papel de educadoras, mas é difícil pensar na hipótese de um homem ensinar crianças pequenas. Quando isso acontecer, você já poderá notar uma sugestão de diferença. Homens e mulheres são vistos de maneiras hostis pela sociedade. Um está sempre associado a práticas autoritárias e disciplinadas, o outro é movido pelo cuidado e pelo amor.

Os papéis de gênero permeiam tanto mulheres quanto homens na sociedade. As mulheres muitas vezes são percebidas como portadoras de características que envolvem “cuidado e afeto”, enquanto os homens são frequentemente associados a uma imagem de “autoridade e controle”. Essas percepções são construídas e transmitidas através de normas sociais e culturais e para o entrevistado de cor roxa tenda a mesma visão ele aborda que:

#### Para Cor Roxo

Então eu vejo muito isso é quando as pessoas, elas apontam um pedagogo, a pedagogia, somente para a mulher, como é a tia, a professora, a tia, aquela que cuida, aquela que sabe cuidar da criança como mãe, e eu acho que o pedagogo, ele não deve se portar é como um ente querido, mas sim como um profissional. E eu vejo que é, as pessoas é veem. É esse buscam é sempre esse estereótipo que é errado.

Eu vejo que a sociedade tem que olhar para o pedagogo como uma profissão. Simplesmente uma profissão e não como é uma coisa que você precisa estar cuidando. É, tem pessoas que falam muito isso. Ah, meus filhos estão sendo bem cuidados pelas professoras porque elas são como mães, mas não entende que ali é uma profissão e isso tem que ser bem observado, e tem que desaparecer essa visão que pedagogia é só para mulheres.

O conceito de profissionalismo é distorcido quando associado apenas ao cuidado materno, isso é considerado uma característica feminina, esta relação pode levar a preconceitos de gênero no local de trabalho e limitar as oportunidades de progressão na carreira para as mulheres. Em paralelo a cor vermelha, tende o mesmo caminho de reposta da cor roxo, quando o vermelho diz que:

#### Cor Vermelho

Há realmente, há um estereótipo de gênero, porque quando a gente remete a história. Geralmente e homens foram criados para trabalhos braçais, enquanto a mulher foi, orientada para um trabalho mais em casa. É familiar cuidar do lazer e isso se reflete muito, esse cuidado que a sociedade tem em relação ao posicionamento da mulher dentro da sala de aula, reflete muito aquele negócio de proteção, de cuidado e homens e eles também têm essa visão.

Só que por uma sociedade tem um nível de discriminação, um homem não pode chorar, homem não pode é fazer tal coisa. Homem tem que ser o provedor, homem tem que ser o cabeça. Pesa bastante quando eu analiso essa visão social, eu sempre venho aquele feedback que eu sempre cresci nessa lógica é por trás de um grande homem, é uma grande mulher. Eu não, não penso assim. Eu acho que ao lado de um grande homem, é uma grande mulher. Isso nos coloca em uma equidade, né? Social, e que essa visão social no que diz respeito a esse preconceito da figura masculina dentro do curso de pedagogia.

Para Silva e Martins (2016), a educação infantil é adequada às mulheres e deve ser realizada por mulheres devido às características familiares relacionadas à maternidade e ao seu papel.

Conforme Silva e Martins, esta percepção reflete visões tradicionais dos papéis de gênero na sociedade, onde as mulheres são vistas como inerentemente capazes de cuidar dos filhos devido às suas qualidades maternais. Já o homem ele é visto como o líder da família, que tem vocação para administrar as empresas. No entanto, este conceito é redutor e não tem em conta as competências pessoais e profissionais de homens e mulheres no domínio da educação infantil.

Partindo para outro pressuposto, é a questão considerável importância é a falta de aceitação das famílias com os homens professores do ensino infantil. Muitos indivíduos têm preconceitos em relação a esses profissionais, presumindo que sua presença nesse ambiente educacional possa resultar em abusos contra as crianças. Conforme Silva e Martins (2016, p. 16) esse tipo de preconceito ainda é muito comum aqui no Brasil, pois ainda não se formou de forma clara em nossa cultura o ato de um homem fazer o papel de educador infantil.

Diante disso, percebe-se que essa visão ainda permeia no século XXI, o entrevistado de cor laranja aborda em sua resposta em que tende a mesma perspectiva.

Cor Laranja

Ah, sim, eu vou dar um exemplo meu, Daniel, eu sou pai da Sara e do Antônio. A Sara tem vai fazer 4 anos de idade. E a Sara assim que nasceu, estava no segundo período de pedagogia, que no campus é professor Alberto Carvalho Itabaiana. Então, e eu tinha esse julgamento de que menina só poderia ser tratada por professora do sexo feminino por conta da genitália, por conta de ser feminina e tudo mais. E tem uma visão também, não só a sociedade. Eu vou falar, no meu caso também. Na minha opinião que sim, é existe na escola, é por conta dos pais. Essa, discussão de que não querem que os seus filhos homens brinquem com boneca, suas filhas não brinquem, é brincadeiras tida como de homens para quem não vá se criar, né? Como falar na pergunta desses estereótipos, mas não deixa de existir nesse campo e a sociedade enxergar o professor como um dosador disso.

Conforme Junges e Schwertner (2017) a experiência das escolas infantis mostra que os meninos que tentam brincar com as meninas em casa ou nas brincadeiras escolares são “diagnosticados” pelos educadores e até pelos pais como tendo tendências homossexuais. Portanto, muitas vezes essas crianças seguem comportamentos prescritos socialmente, deixando de lado seus próprios desejos e curiosidades para não se desviarem do comportamento esperado de cada pessoa.

A aplicação de estereótipos de gênero pode levar a uma separação de atividades e interesses entre meninos e meninas, o que pode limitar o reconhecimento e o desenvolvimento das suas preferências pessoais. Essa divisão também pode levar à generalização das brincadeiras e à restrição de formas de diversão consideradas “apropriadas” para cada gênero, como demonstrações de “afeto, brincadeiras com bonecas e ursinhos de pelúcia”, entre outras atividades. Além disso, estes estereótipos podem influenciar as escolhas profissionais e limitar as opções e possibilidades profissionais para rapazes e raparigas.

Diante disso, Junges e Schwertner (2017), no entanto, quando uma criança prefere ou brinca com brinquedos considerados “inapropriados” para o seu gênero de acordo com os padrões sociais, este comportamento pode causar preocupação, medo e ansiedade nas famílias que testemunham o momento. Numa tal situação, porque é que os rapazes não podem tornar-se pais que valorizam os seus filhos sem medo da homossexualidade? Nos momentos de brincadeira, exploração e brincadeira, as crianças muitas vezes interpretam e criam jogos sem se preocupar se os jogos que estão criando estão certos ou errados. Neste momento a criança tem a liberdade de viver esse momento como quiser. Emoções, tristeza, medo, alegria, excitação, fascínio e paixão são algumas das emoções que as crianças sentem durante as brincadeiras livres.

Esta informação sugere que as escolas estão a ignorar as discussões em torno da educação sobre o gênero e sexualidade, o que pode contribuir para a perpetuação dos papéis patriarcais de gênero. Esta falta de abordagem pode levar a uma visão unidimensional da sociedade e influenciar a formação de estereótipos de gênero nocivos. Além disso, a afirmação de que isto conduz a visões excludentes, inclusive em relação aos meninos e meninas, é preocupante e requer uma análise cuidadosa e equilibrada da prática educativa.

Junges e Schwertner (2017) o gênero existe nas escolas e pode ser visto nas filas de meninos e meninas. Banheiros masculinos e femininos. Brinquedos para meninos e brinquedos para meninas. Na aula de ginástica, os meninos jogam bola, as meninas conversam e pulam corda, e são inúmeros os exemplos que podem ser citados aqui.

As questões de gênero existem, portanto, em muitos aspectos do ambiente escolar, mas são muitas vezes evitadas ou não abordadas devido à “percepção de que são questões controversas”. Esta falta de discussão pode levar à perpetuação de estereótipos de gênero e dificultar a compreensão e a abordagem de questões relacionadas com a igualdade de gênero e a diversidade sexual.

A universidade representa um ambiente diverso para o desenvolvimento do conhecimento e à investigação, ao mesmo tempo que serve como um local dedicado à abordagem e solução de questões relevantes. Nesse contexto, surgiu a seguinte indagação: Qual é o papel da universidade na promoção da igualdade de gênero entre os pedagogos?

Cor Verde respondeu que:

A questão da universidade e o papel dela é realmente quebrar esse tabu, da existência do pedagogo com a pedagoga, porque ela está ali pra servir a sociedade, formar profissionais que vão atuar na área da educação, independente se seja homem ou se seja mulher. O intuito central da universidade é formar educadores e educadoras para a sua atuação, e isso é o essencial e acho que esse é o papel fundamental dentro de uma sociedade e na universidade.

Diante disso, Farber, Verdinelli e Ramezanali, (2012, p.122) abordam que

[a] universidade, é um ambiente particular, é uma das instituições que possui influência na sociedade. Representa um modelo, é uma referência, dissemina conhecimento e ao mesmo tempo reflete aspectos da realidade social, anunciando e antecipando mudanças que nela ocorrem. Como toda instituição, o ambiente universitário, desperta expectativas na sociedade quanto a sua atuação. Através do tripé: ensino, pesquisa e extensão a educação superior atinge a essência de sua missão. Ou seja, preparar os indivíduos quanto aos conhecimentos técnicos e saberes profissionais para atuarem no mercado de trabalho e formar a pessoa humana, integrando-a na sociedade como verdadeira cidadã.

As universidades são instituições de destaque na sociedade, desempenhando um papel crucial na promoção do conhecimento e na reflexão da realidade social. Além disso, elas se dedicam à promoção da igualdade de gênero, buscando criar um ambiente inclusivo e equitativo para todos os seus membros.

Cor Laranja relata que:

A universidade tem um papel muito importante, em desmistificar esses estereótipos, de que na pedagogia é necessariamente feita por mulheres, só professoras, professoras e professoras.

É quando eu entrei, como pedagogo, para ser pedagogo, para me tornar um pedagogo aqui na universidade, eu sofri, e até hoje preconceitos, as pessoas até confundem a gente, pelo fato de a gente estar no curso de pedagogia, até cogita que eu sou gay.

E a universidade está trazendo isso, está trazendo um papel significante, desmistificando, porque existem sim, Pedagogos que são gays assumidos ou

não e estão se descobrindo e, existem também héteros, e a universidade tem esse papel de igualar.

Amarela expõe que:

Desmistificar muitas questões relacionadas ao curso, mostrar que o curso não é só um curso para mulheres, é um curso pra homens também. E que a formação em pedagogia é uma formação completa na educação que é tão importante, principalmente se você for formado na área de educação, qualquer área.

A pedagogia ela é um curso que vem complementar a sua formação por inteiro, você se torna um educador. Então a universidade ela tem que procurar promover pra que pessoas, principalmente do sexo masculino, se sintam estimulados a cursar.

Observa-se que persiste uma disparidade de gênero, apesar da universidade ser concebida como um ambiente acolhedor e de igualdade. Ainda existe um estigma em relação aos homens que optam por cursar a Pedagogia.

Com isso, para Ribeiro e Ferreira, (2016, p.58)

[...] as relações sociais dentro da Universidade (sendo este um espaço de ensino, pesquisa e extensão) por exemplo, está arraigada por uma cultura dominante que reproduz o poder de determinado grupo social. Trata-se então de um tipo de violência simbólica que impõe estereótipos a partir do aspecto cultural imbuído de uma lógica determinista e tradicional, que versa sobre a falseada ideia de igualdade de oportunidades. Ou seja, o que de fato está exposto é uma igualdade fictícia que parte do princípio da equipolência de oportunidades, no entanto, o que se tem é a absorção dos iguais e a segregação dos reconhecidos como desiguais.

A presença de educadores do sexo masculino na educação infantil pode contribuir significativamente para aumentar nesses espaços educacional e a visibilidade deste grupo profissional. Além disso, a sua presença pode ser um passo em frente na promoção da colaboração em ambientes predominantemente por mulheres. Diante disso, surgiu a seguinte questão: Quais benefícios a presença de pedagogos homens podem trazer para a educação, especialmente na primeira infância, na educação infantil?

Amarelo relatou:

Sinceramente na primeira infância eu acho que era pra questão da desmistificar, sendo que a resistência seria grande mas que de forma gradativa. Isso aí poderia ser um benefício inclusive até pra educação. Porque a presença do homem com a criança em não ter um pai? Quantos pais são mais mãe do que pais. Eu conheço exemplos eu tenho esse exemplo que a mãe não tem nenhum traquejo e o pai acolhe melhor a criança do que a própria mãe.

Então eu acho que a partir daí, com essas novas gerações surgindo, eu acho que isso vai quebrando aos poucos. Não é uma coisa assim, que vai ser de imediato, mas é uma construção que eu consigo enxergar num futuro e que fé em Deus seja próxima.

Assim, isso apenas evidencia que nós, homens e futuros pedagogos, possuímos a capacidade de cuidar de crianças. Temos a responsabilidade de auxiliá-las e orientá-las, além de contribuir com a metodologia em sala de aula, realizando ações que são os hábitos associadas ao cuidado da mulher. E para Souza, (2022, p. 26)

[...]o professor/educador tem papel fundamental no desenvolvimento da afetividade da criança, e cabe, nesse momento ao pedagogo homem, demonstrar de forma profissional que ele pode ser sensível e atencioso para com as necessidades da criança, sem, contudo, perder a didática e a competência de sua profissionalidade.

Isto significa que simplesmente desempenhar um papel fundamental não é suficiente. São muitos os benefícios quando se considera a presença de educadores na educação tanto na primeira infância como nas demais fases. No entanto, não podemos ignorar os desafios da aceitação familiar e os estigmas que são exposto.

Conforme Souza (2022) as famílias que ainda têm culturas patriarcais fortes não aceitam facilmente a imagem de um homem que dá banho aos bebês, muda fraldas e cuida das crianças. Porque essas características estão associadas à figura feminina. Como a participação dos homens em áreas anteriormente reservadas a mulheres é agora facilmente demonstrada nos meios de comunicação social, a velha ética que está em desacordo com a nova realidade é generalizada, bem como no ambiente educativo

Diante disso, o Azul respondeu que:

Eu Acredito que bastante, porque quando comecei a trabalhar na educação infantil, assim eu vi olhares tortos dos pais. Mas com o convívio, com a representatividade, ali acaba sendo algo normalizado.

Tanto que na escola que eu trabalho não acaba sendo algo estranho, ele está trabalhando numa turma de educação infantil, por exemplo, muitos pais assim já estão super acostumados comigo e até os pais que não são dos meus alunos, necessariamente comigo, mas chegam na escola, vê que eu estou ali todo dia e vai acontecendo esse tipo de coisa, da representatividade ela muda realmente.

A oportunidade, por exemplo, se toda a escola tivesse um pedagogo na educação infantil e nem é porque eles não querem trabalhar na educação infantil, porque sempre tem gente querendo trabalhar na educação infantil.

E eu gostaria de trabalhar na educação infantil, é um das áreas que eu tenho interesse em atuar, educação infantil, alfabetização...

Conforme Souza (2022), professores do sexo masculino são bem aceitos quando trabalham com pré-escolares e adolescentes. Hoje, porém, as coisas estão mudando, principalmente com novos ingressos masculinos no início do ensino básico, devido a concursos públicos. Por outras palavras, velhas realidades contraditórias e restritivas estão gradualmente a mudar significativamente à medida que os homens participam cada vez mais no cuidado de crianças através de serviços públicos no ambiente familiar e na educação infantil.

Diante dessa reflexão, fica evidente que o papel de um educador vai muito além de simplesmente estar presente em sala de aula durante a primeira infância. É fundamental reconhecer que o desejo genuíno de estar presente e envolvido nessa fase crucial da vida das crianças é essencial para o seu desenvolvimento integral.

Com isso, Cor Vermelho respondeu que:

É incrível, como a gente nós resultamos de efeito para educação infantil. Eu passei pela creche e vi como é incrível o olhar das crianças em relação a gente. Como é deslumbrante aquele olhar daqueles pequeninos. E vendo que há uma figura masculina ali, que há um menino, que há um cara com sonhos e que há um professor ali e que eles possam também ter como referência.

Porque quando a gente faz a pergunta, você quer ser o quê quando crescer? As meninas falam quero ser professora e você vê que é um pouquinho difícil a gente escutar um menino às vezes dizendo eu quero ser professor, é bem complicado.

E quando a gente escuta isso e vendo que ele está olhando para a gente com aquele brilho dos olhos, dizendo, você é minha referência é gratificante...

Com efeito, a presença dos futuros pedagogos nos ambientes educacional pode desempenhar um papel fundamental como referência para as gerações futuras.

Silva (2020, p.7) aborda que

Os espaços escolares influenciam sobremaneira no contexto social, numa verdadeira propositura da educação para a vida; uma formação que continua para além dos muros e das salas de aula. Na socialização dos conceitos apreendidos na formação escolar, almeja-se que esses indivíduos propiciem a esse educandário um retorno expressivo e significativo.

Por essa razão, o ambiente educacional se apresenta como um espaço vasto. Nesse contexto, a presença e atuação dos pedagogos são de suma importância, uma vez que tendem a contribuir de maneira significativa para a promoção de um ambiente escolar mais inclusivo e enriquecedor.

Considerando que as escolas são ambientes especializados para transmitir conhecimentos e troca de experiências e histórias de vida, surgiram os seguintes questionamento: Quais estratégias você acha que as escolas poderiam adotar para incluir mais homens como profissional pedagogo?

Cor Verde respondeu:

Bom acho que isso não seria estratégia da escola em si, sugerir estratégia da sociedade como um todo, desde a do gestor até o vereadores em promover e difundir informações que existem realmente pedagogos homens, que vai executar, que executam maravilhosos trabalhos, que ainda são, de certa forma, pequenos, porque a amplitude, as informações não chega a gente.

É mas quando se faz um concurso é voltado para que seja ocupada as mulheres em si não tem uma visão para o homem, o homem é como se fosse um ser a parte dessa realidade.

Que é isso, mas eu acredito que as escolas os governos usar estratégias de mecanismos para difundir essa informação da existência da formação do pedagogo, acho que já seriam uma das estratégias que poderia aumentar o número.

Desta forma, fica claro que o esforço para ocupar espaço na educação não é apenas responsabilidade das escolas para promover a inclusão, mas também responsabilidade comum da sociedade como um todo. Além disso, quando nos referimos aos concursos públicos, cabe destacar que muitos deles são direcionados ao público feminino.

No entanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) no Art. 62 deixa nítido que não há uma exclusão ou separação entre o homem e a mulher.

Brasil (2018, p. 41):

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Em outras palavras, a presença no contexto educacional requer a posse de um diploma para desempenhar as funções pertinentes. Essa exigência não se restringe exclusivamente às mulheres, mas se estende a todos os indivíduos, independentemente de gênero.

Através da colaboração entre os líderes escolares e da sensibilização do público, um maior envolvimento dos educadores no ambiente educativo tende a promover um maior progresso.

Diante disso, Amarelo respondeu

Primeiro as escolas precisam ter a determinação de começar a aceitar também o pedagogo. Tem que partir primeiramente da direção ter essa política de aceitação do pedagogo e ver que é importante o pedagogo estar inserido tanto à pedagoga. Não pode haver essa distinção.

Se o pedagogo ele tem a competência, o domínio e o traquejo de manusear ali as crianças de uma forma didática, tanto quanto a mulher. Eu acho que tem que partir da conscientização da própria gestão em aceitar e acolher o pedagogo porque a partir daí desse acolhimento dessa aceitação é que as coisas começaram a se transformar.

Com isso, para entendermos os princípios que a gestão pode adotar é, para Luck, (2009, p.23)

A gestão escolar, como área de atuação, constitui-se, pois, em um meio para a realização das finalidades, princípios, diretrizes e objetivos educacionais orientadores da promoção de ações educacionais com qualidade social, isto é, atendendo bem a toda a população, respeitando e considerando as diferenças de todos os seus alunos, promovendo o acesso e a construção do conhecimento a partir de práticas educacionais participativas, que fornecem condições para que o educando possa enfrentar criticamente os desafios de

se tornar um cidadão atuante e transformador da realidade sociocultural e econômica vigente, e de dar continuidade permanente aos seus estudos.

O objetivo da gestão escolar não é apenas promover uma educação de qualidade, mas também promover a inclusão, com isso, abrindo espaços educacionais para educadores. Com essa atitude crítica, podemos desafiar a falta de professores do sexo masculino nas nossas escolas e encorajar uma maior inclusão e diversidade.

Considerando outro aspecto, é evidente que os gêneros feminino e masculino estão presentes em diversos contextos, incluindo a escola, os campos esportivos, e as universidades. Diante desse cenário, surge a seguinte indagação: Qual é a importância de discutir questões das relações de gênero na formação de pedagogos?

Em vista disso, a Cor Verde abordou que

[a] importância é que a gente está vivendo em uma sociedade que está em constante mudanças, mudanças em todos os aspectos em si.

Então desde cedo a gente tem que ensinar às crianças que existe vários tipos de gêneros, não somente o masculino e o feminino, mas existe outras possibilidades e que teremos que respeitar independente é uma opção, não é uma opção nossa não respeitar é uma necessidade em si porque tipo se eu vejo uma questão do gênero de um outro ângulo, eu posso estar sendo preconceituoso.

Eu acho que quanto mais cedo a gente trabalhar isso na escola, acho que iremos pra uma sociedade mais um pouco mais justa...

Para Alves (2018), ao ingressar no ensino superior, os estudantes se deparam com uma realidade diferente. A universidade oferece a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos e habilidades por meio da prática do pensamento crítico, da leitura de livros e da colisão de diferentes ideias sobre temas específicos da educação e temas educacionais e sociais.

Dentro do contexto acadêmico, uma ampla gama de tópicos é discutida e explorada. Contudo, ao considerar a formação de pedagogos, torna-se importante abordar as questões relacionadas às dinâmicas de gênero na universidade. Esta abordagem visa dismantlar tabus, estigmas e preconceitos, promovendo a eliminação dessas barreiras.

Conforme Alves, (2018, p.28)

[...]faz-se necessário discutir o processo de identidade docente mediante questões de gênero nos âmbitos de ensino, pesquisa e extensão, no intuito de analisar várias perspectivas dessa categoria, bem como incluir esta vertente como relevante noutros âmbitos de atuação do pedagogo, com abordagens construtivas e estimulantes que deem espaço para exploração e estudo.

Dessa forma, ao discutir questões de gênero no ambiente acadêmico, torna-se evidente que, diretamente muitas pessoas acabam sendo vista.

Isto posto, Cor Amarelo abordou que:

A importância é imensa, porque as relações de gênero, são relações que passa por vários aspectos. Seja aspectos sociais, religiosos. E de comportamento. E a formação nessa relação com o gênero ela é importante para desmistificar muitas coisas, muitas questões que até nós trazemos da nossa educação, às vezes a gente tem uma educação bem patriarcal, uma educação assim, até de certa forma arcaica, que já vem reproduzido dos nossos avós, que passam pelos nossos pais e às vezes nossos pais também transmite.

E a pedagogia ela entra para quebrar esses paradigmas, muita das vezes, e tentar fazer com que nós se torne ou tornemos melhores... E essa questão do gênero tem que ser trabalhada, porque é muita das vezes é um tabu dentro de casa. E o papel da educação é desmistificar tudo isso.

A cor Azul corrobora:

Eu acho primordial, não só na pedagogia, mas como em todos os cursos. Era uma coisa assim, que eu não tinha noção e eu aprendi no curso. Assim, pode parecer um negócio bobo, mas foi na disciplina de educação em corpo, em que a professora falou bem assim, ela falou uma crítica que normalmente, quando a gente vai trocar a fralda de criança, limpar uma criança não pede licença e vai invadindo o corpo da criança, como se a criança não tivesse domínio do seu corpo. E por conta dessa disciplina acabei tendo essa visão, que temos que pedir licença, se pode limpar agora.

Portanto, entende-se que não só os curso de Licenciatura em Pedagogia, mas também as universidades são de grande importância na abordagem de questões relacionadas às relações de gênero. Conforme, Barreto, (2021, p.2) “As universidades não são apenas o espaço da razão e das ciências, mas também um espaço de subjetivação”.

Só através desta discussão os alunos “conhecerão” os corpos que existem nestes espaços, as dificuldades, tabus e estereótipos impostos pela sociedade, com intuito de conscientizar. A abordagem deste tema, especialmente no contexto dos corpos dos homens no currículo educacional, fomenta a discussão sobre questões que contribuem para uma sociedade mais justa e igualitária.

Segundo Alves (2018, p.27)

[..]formação docente efetivamente democrático e político, faz-se necessário que haja flexibilidade e um olhar mais atento para as variadas discussões desencadeadas sob uma esfera heterogênea da sala de aula. Essa perspectiva, parte da compreensão de uma educação contemporânea que confronta e desmistifica pensamentos arcaicos e tradicionais, permitindo o desvelamento de questões transversais e a quebra de paradigmas sobre certos tabus e preconceitos.

A relevância de abordar questões de gênero no setor universitário que está sendo discutido nas entrelinhas. Isto é, consistente com a conotação da cor vermelha em sua resposta significativa em enfatiza a necessidade fundamental de explorar e compreender profundamente as relações de gênero.

A seguir, apresenta-se a da Cor Vermelha

É de grande importância realmente trabalhar a questão de gênero, porque para a gente vê que já vem de uma criação, certo que realmente nos orienta a seguir outras carreiras que às vezes a gente não se identifica, a gente já vem com um peso negativo de estar no curso, onde a presença majoritariamente é feminina. E a gente chega na sala, já chega com aquele peso externo e uma visão preconceituosa da sociedade. E quando a gente chega na universidade e quando trabalha principalmente a questão de gênero dentro da sociedade, a gente já tira aquele peso, já começa a desconstruir... E sim, é muito importante discutir relações de gênero na universidade...

Perante o exposto, para Baggenstoss, (2019, p.110)

O assunto violência de gênero precisa ser discutido no ambiente acadêmico para além da elaboração de artigos ou trabalhos de iniciativa exclusiva de discentes: faz-se necessária, também, a presença de todo um arcabouço institucional, dedicado tanto a promover eventos sobre a temática de gênero, quanto a atuar na prevenção, apoio e cuidado de discentes, docentes e técnicas(os)[...]

Seguindo essa linha a Cor Roxo respondeu que

Eu acho que primeiro seria muito importante para é desmistificar tudo aquilo que é construído ao longo da sociedade de que é o homem e a mulher, eles não podem exercer as mesmas funções eu acho que essa questão abre um leque para a gente entender melhor, é todo o funcionamento e toda a estrutura para que haja um equilíbrio em cada setor. É, existem momentos em que um pedagogo vai ser muito importante e vai ter momentos que um que uma pedagoga vai ser também importante. Então eu acho que a discussão é muito boa por conta disso, porque você começa a entender melhor e se colocar no lugar do outro e entender e não olhar de forma preconceituosa, mas olhar o profissional como uma pessoa qualificada para aquele lugar. É existem questões que vão muito além do que é homem ou mulher...

Diante desse contexto para Nardi, (2013, p.2)

As universidades, assim como outros estabelecimentos de ensino brasileiros, estão atravessadas por marcadores sociais de diferenciação, tais como classe, raça, gênero, território, sexualidade e outros. Na condição de instituição voltada para a formação técnica e intelectual das elites, a universidade pode ser compreendida como um espaço que não apenas reproduz, mas também atualiza as desigualdades e hierarquias frente às transformações sociais que buscam questionar e/ou mitigar essas mesmas estratificações.

Todavia, as discussões sobre as relações de gênero tendem a centrar-se tanto nos professores como nas professoras. Contudo, é essencial que tais discussões comecem dentro das universidades e depois se espalhem pelas escolas e pela sociedade como um todo.

Para Souza (2018), as escolas são locais de educação e formação que desempenham um papel importante na construção de uma sociedade democrática onde a diversidade humana é

representada e respeitada em vários campos e grupos. A violência que existe nos ambientes escolares está ligada à reprodução do preconceito e ao despreparo de professores, funcionários educativos e administrativos para lidar com questões complexas que afetam a diversidade humana em relação às questões de gênero e sexualidade.

Além disso, tais discussões envolvem temas delicados como as relações de gênero, sexualidade, tabus e preconceitos, por isso é importante que sejam conduzidas de forma saudável e os ambientes ideais para esta abordagem são as universidades e as escolas.

Conforme Souza (2018, p.54)

As temáticas de Gênero e Sexualidade, ao se fazerem presentes na sociedade e nos ambientes escolares, deveriam, necessariamente, fazer parte do processo de formação de professoras/es, uma vez que professoras/es exercem papel fundamental na promoção ao respeito à diversidade humana, mediando situações de preconceitos que podem emergir em salas de aula.

Portanto, é de extrema importância a discussão de gênero no contexto acadêmico, a fim de destacar a relevância da diversidade de corpos presentes nesse espaço. Essa abordagem positiva é fundamental para que as reflexões e aprendizados alcancem os ambientes escolares de maneira significativa.

Hoje no século XXI, vivemos numa sociedade onde somos definidos pelas nossas escolhas. Estas decisões não só moldam o nosso futuro como também a nossa vida no cotidiana, mas também refletem as nossas experiências pessoais. Dada essa suposição, surgem as seguinte indagação: Por que escolheu cursa a graduação de Pedagogia?

Cor Verde

Bom, diferentemente de alguns amigos meu que disseram que caíram de paraquedas, desde muito pequeno eu já me senti atraído pela profissão docente.

E desde os anos iniciais que eu acho que toda criança é a primeira profissão que a gente tem em contato. O professor então a gente se espelha muito nela. E com o passar do tempo isso foi aflorando mais ainda que eu queria ser professor da educação. E motivar outras pessoas porque eu acho que a educação é o caminho base, já dizia nosso Paulo Freire em si... Acho que grande parte disso também se dá, da minha escolha pelas minhas professoras que passaram por mim todas elas incentivavam de certa forma dizer olha gente professor é uma profissão, muito respeitada, que tem que ser valorizada...

Minha maior motivação é, transformar, o mundo de certa forma através das crianças, do mesmo jeito que que eu fui transformado, até agora, eu quero transformar as outras crianças para as gerações futuras.

Durante nossa jornada desde a infância até a adolescência e a vida adulta, atravessamos diversas experiências que moldam nossas escolhas, bem como nossos sonhos e inspirações.

Para Rodrigues, (2021, p.16)

Os diversos lugares que passamos durante a nossa vida, o local em que vivemos, nossa família e amigos estão diretamente relacionados com a formação da nossa personalidade, desde criança passamos por diferentes situações que interferem no nosso modo de crescer e ver o mundo. Por mais que tentem definir quais fatores são dominantes na influência do desenvolvimento, ainda assim não foi possível obter uma comprovação de que há uma dominância de apenas um fator – interno ou externo.

Assim, as profissões têm o poder de despertar nas pessoas a vontade de exercê-las, como exemplificado pelo relato em que a cor verde mencionou que suas professoras serviram de inspiração para sua decisão de realizar uma graduação em licenciatura em pedagogia.

Segundo, Ostrovski e Sousa, (2017, p. 33)

A escolha profissional se apresenta como um desafio ao sujeito antes de ingressar na universidade, influenciado por fatores familiares e sociais. A escolha do curso de graduação é impactada pela conjuntura econômica e política do período, pelas expectativas em relação à carreira e pela aproximação com a prática profissional.

Isso demonstra que, embora as escolhas sejam pessoais, existe uma influência positiva considerável em optar por se tornar um pedagogo.

Conforme Ostrovski e Sousa, (2017, p. 34)

Nesse sentido, a escolha profissional, por meio das influências intrínseca e extrínseca, é considerada um momento de transição, processo que produz implicações na identidade profissional, nas dimensões culturais, nos saberes e em outros aspectos – sociais, políticos e referentes ao espaço de atuação profissional. Diretamente ligado ao tema da escolha está o conceito de inserção profissional, que é marcado pelos mesmos impactos do conjunto histórico, social e político. A inserção profissional não deixa de caracterizar um momento de transição ao término do curso escolhido para colocação em prática do que foi aprendido.

Já a Cor Amarelo respondeu que:

É procurar me qualificar melhor. Ter a pedagogia como uma formação continuada. Onde eu precisava agregar outros valores, outros conhecimentos, que viesse me completar na educação e hoje eu me completo graças ao curso de pedagogia.

Com o aprimoramento das profissões e a incorporação de valores positivos em nossas vidas, torna-se evidente que a obtenção de uma graduação se faz necessária. Todavia, para Rodrigues, (2021, p.15) a nossa conduta se molda e difere conforme as experiências e as novas oportunidades adquiridas. Em outras palavras, com a concretização e conquista das oportunidades, é possível alcançar os nossos sonhos desejados. Os sonhos são concebidos para serem buscados e realizados, e aspiração a se tornar um pedagogo, ou futuro pedagogo, não é apenas um desejo desses meninos, mas também uma vontade minha.

Para mim, é uma realização pessoal, pois educar e alfabetizar também constituem em meus sonhos. Cada um de nós contempla o futuro como um contexto cheio de possibilidades a serem almeçadas, alcançadas e planejadas, um cenário no qual os anseios e inspirações individuais são cuidadosamente depositados. Para Neto (2018, p. 147) o sonho constitui, assim, uma das modalidades de elaboração imaginativa das funções corporais, traduzindo sempre o estágio de amadurecimento em que o indivíduo se encontra e sua forma característica de habitar o mundo.

Posto isto, foi se abordado a seguinte pergunta: Como um futuro pedagogo, como você enxerga o cenário educacional? Cor Amarelo abordou que:

O cenário educacional, se em resumo a uma palavra, desafiador. A gente tem encontrado cada vez mais é desafios e que precisam ser enfrentados. E o pedagogo ele é uma peça fundamental na educação, porque é ele que traz a bagagem completa para poder enfrentar diversas diversidades que nós encontramos hoje na educação.

Assim, para Nascimento (2010), durante muitos anos, o processo educativo foi visto como uma prática institucional confinada às escolas, único lugar onde os educadores podem atuar. Em vista disso, a atuação dos pedagogos contribuirá de maneira significativa para enfrentar os desafios com eficácia. Conforme, Zaias e Lima (2010, p3.)

O pedagogo de certa forma é um especialista em educação, certamente sua função é produzir e também difundir conhecimentos no campo educacional. Este precisa, no entanto ser capaz de atuar em diversas áreas educativas, compreender a educação como um fenômeno social e cultural, contudo é preciso ter capacidade de execução de planos, de planejamento, dinamismo, além de saber comunicar e transmitir ideias.

Diante desse contexto Cor Laranja expõe que:

É, eu enxergo o cenário educacional como um desafio. Desafio muito grande.

É um cenário tá crítico, é escolas sucateadas, é má distribuição das verbas. É muita corrupção, mas tem uma luz no fim do túnel.

E a gente está aqui para mudar isso, e eu acredito no futuro da educação.

Por isso que eu estou aqui, por isso que você está aqui e outros e outros que estão aqui, então a gente precisa de políticas públicas para poder colocar para a frente na educação no Brasil. Porque independentemente da forma como se encontra a sala de aula, mas o professor pode usar uma folha de papel ele transforma em algo que pudesse valer milhares de reais.

Porque um pedaço de papel se é um simples papel. Mas se você tem uma criatividade, se você começa a colorir, se você começa a colocar um objeto ou alguma coisa, começa a ativar a criatividade dos alunos, das crianças, dos jovens, a gente pode é dar muitos passos à frente nisso. É a questão da própria política. A gente está precisando de mais vereadores, de mais deputados, demais senadores que sejam formadas na área da educação para que possa ajudar e reverte esse cenário.

Inicialmente, a perspectiva do laranja se assemelha à da cor amarela ao abordar os desafios educacionais que demandam uma abordagem abrangente e integrada. Além disso, é destacada a condição precária das escolas em diversos aspectos. Nesse sentido, a transformação desse cenário requer ações políticas deliberadas por meio de políticas públicas. Para Krawczyk e Lombardi (2018, p.42) aborda que:

Na sociedade de classes, portanto, na nossa sociedade, a educação é sempre um ato político, dada a subordinação real da educação à política. Dessa forma, agir como se a educação fosse isenta de influência política é uma forma eficiente de colocá-la a serviço dos interesses dominantes.

Ou seja, os poderes maiores tende a resolver essa problemática. Outro aspecto abordado pelo laranja é o papel e ação dos pedagogos dentro da sala de aula, enfatizando sua capacidade e importância para a valorização e o impulso na busca por melhorias na educação. O reconhecimento da força de vontade dos pedagogos em promover mudanças positivas tende a aumentar. Conforme Da Rocha (2007, p.194) professor, quando com formação adequada, é capaz de se auto-capacitar, indo em busca de conhecimento, mediando de forma natural essa prática a seus alunos.

Isso implica também na necessidade de garantir qualidade na formação universitária, de modo a preparar adequadamente os futuros pedagogos para sua atuação eficaz na rede de ensino. Já a Cor Vermelha em sua resposta expõem que:

Eu enxergo como um futuro pedagogo, vou enfrentar ainda muito as adversidades nesse cenário da educação, porque a gente está sendo preparado para o meio externo, mas só que o meio externo não está preparado para a gente. A sociedade seria esse meio externo, porque aqui a gente está tendo conhecimento de teoria e prática. Mas a sociedade não tem isso, a sociedade não tem esse nível de educação e de conhecimento.

Enquanto quando ela enxerga, praticamente é um novo entre aspas, né, a gente ali presente, um homem presente em sala, traz um choque significativo.

E na educação, principalmente, que há aquela visão realmente preconceituosa, que a gente pode não dar conta. Porque sempre foi construído o homem trabalha em caixinha e a mulher trabalha de forma diversa...

Que a gente tem as qualificações de mulheres, pedagogas também. Sim, e só basta a gente querer, a gente realmente está lá e a educação também está aberta para a gente poder abrir as portas e dizer vocês são bem-vindos aqui então bora trabalhar junto, vamos evoluir, botar essa educação para crescer mesmo e ser reconhecida...

Na sua comunicação ele expresso algumas inquietações, destacando principalmente a capacidade dos pedagogos de influenciar positivamente a educação. É crucial que a sociedade reconheça que estamos nos preparando para nos tornarmos futuros pedagogos e que nossa

contribuição é de extrema importância. Isto posto, para Nobre, Da Silva Lima e Dos Santos (2020, p.27)

O pedagogo visto como profissional da sociedade está relacionado aos vários campos e espaços, proporcionando um contato com diversos sujeitos participantes da sociedade, o que permite entender que este profissional precisa ter uma sensibilidade humana e profissional para potencializar sua atuação e ajudar na construção de espaços de diálogo junto as outras pessoas. O trabalho do pedagogo abrange um leque de ações e funções que são executadas em diversos espaço, no entanto, faremos uma reflexão a respeito das práticas formativas do pedagogo nos cursos de formação inicial no que diz respeito a construção de um profissional com olhar sensível e afetivo.

Ou melhor, os pedagogos demonstram um compromisso genuíno em realizar suas tarefas, envolvendo-se profundamente em cuidar e prestar atenção às necessidades educacionais. Conforme Santos (2022), os educadores devem estar sempre conscientes do seu lugar na sala de aula, mas acima de tudo, estar conscientes do seu profissionalismo. Porque no final das contas o que faz a diferença é o resultado do esforço dos educadores, que se reflete na vida dos alunos e no que eles veem. Sabemos que homens e mulheres levam a sério a sua educação e esforçam-se sempre por desempenhar o seu trabalho da melhor forma possível.

É indubitável que, como futuros pedagogos, que não permanecemos em silêncio diante dessa realidade. Que possamos buscar sempre o conhecimento e criar um ambiente educacional mais acolhedor, livre de sucateamento, e enriquecido por uma variedade de perspectivas. Almejamos uma visão repleta de esperança, pois reconhecemos que através da educação ela irar fornecer proporções imensuráveis.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a persistente batalha dos pedagogos para serem inseridos no ambiente escolar ainda se apresenta como um desafio a ser vencido. Dado que o ambiente é predominantemente feminino, as salas de aula e as escolas muitas vezes acabam promovendo direta ou indiretamente a discriminação contra homens que desejam atuar como pedagogos, pois são lugares patriarcais e machistas. E estes são os espaços onde frequentemente são ensinados conceitos sobre o que é apropriado para meninos e para meninas, através de práticas como filas separadas ou restrições nas brincadeiras entre gêneros.

É fundamental que esses ambientes sejam inclusivos e promovam a igualdade de gênero, de modo a permitir que as crianças compreendam desde cedo que os gêneros não devem ser limitados em suas ocupações ou nas escolhas de brinquedos, independentemente do que a sociedade impõe como adequado para homens ou mulheres.

Portanto, mesmo diante das inúmeras dificuldades enfrentadas por homens que buscam atuar no âmbito da Pedagogia, os estigmas e preconceitos continuam profundamente enraizados, o que os afasta e os exclui desses espaços. É propagada a ideia equivocada de que homens pedagogos são homossexuais, ou que ao interagirem com crianças, possam agir de maneira inadequada ou abusiva. Esses preconceitos precisam ser desconstruídos para que a igualdade de gênero no campo educacional seja alcançada, para que a escola deixe de ser machista e a educação seja democrática.

Entretanto, é de extrema relevância destacar o papel da pesquisa na abordagem e discussão das questões relacionadas às relações de gênero tanto no currículo do curso de pedagogia quanto na prática profissional dos pedagogos em formação. Ao fazer isso, muitas das questões que anteriormente eram ignoradas ou subestimadas têm a oportunidade de vir à tona e serem examinadas de forma mais profunda.

Além disso, é importante reconhecer as contribuições que a pesquisa oferece ao revelar a realidade daqueles que estão inseridos nos espaços educacionais, fornecendo informações, na qual, podem informar futuras práticas e políticas. Essa compreensão mais aprofundada abre caminho para outras pesquisas, alimentando uma sensação de esperança e otimismo, sem desconsiderar as dificuldades enfrentadas no passado. Com uma abordagem mais enriquecida, os avanços na educação infantil e na primeira infância podem ser impulsionados, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo e acolhedor.

Em resumo, podemos perceber que as questões de gênero permeiam tanto os educadores profissionais quanto os estudantes de pedagogia. Através dos seus relatos,

associados às teorizações, verifiquei os desafios e preconceitos que enfrentam na integração nos campos da educação e nos espaços acadêmicos. Esta conclusão apela a mudanças mais amplas na pedagogia, destinadas a reconhecer e combater as barreiras colocadas pela discriminação de gênero e a promover de um ambiente mais igualitário e acolhedor, tanto para os profissionais da educação como para os discentes.

Em suma, respondendo o problema de pesquisa: Quais os atravessamentos das relações de gênero na profissão de pedagogo? A resposta é simples: existem várias referências teóricas que destacam os desafios enfrentados pelos pedagogos, especialmente quando se trata de estereótipos de gênero. Um exemplo claro é a associação de que todo pedagogo é homossexual, o que pode limitar as oportunidades de emprego devido ao preconceito. Além disso, há a percepção equivocada de que os pedagogos no ambiente educacional pode ser propenso para que eles venham cometer abusos, o que afeta a credibilidade e a confiança dos profissionais. O estigma de ser uma profissão "feminina" também restringe o acesso de homens ao ensino, perpetuando a ideia de que educadores do sexo masculino não são adequados para lecionar. Esses desafios representam uma realidade muitas vezes desrespeitosa enfrentada por pedagogos. No entanto, há motivos para otimismo, pois pesquisas como esta têm o poder de abrir os olhos da sociedade para essas questões e, com isso, promover um reconhecimento justo e merecido para esses profissionais.

É respondendo a minha pergunta do título: É de homem ou de mulher a pedagogia? A pedagogia se configura como um ambiente democrático, como também, a pedagogia é um espaço de conflito, que abarca não apenas questões de gênero, mas também as relações de poder presentes nas relações interpessoais.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Amone; DE ANDRADE, Thiago Nicolau Ferreira. **Homens pedagogos: o trabalho docente na educação infantil**. Poésis Pedagógica, v. 20, n. Publicação contínua, p. 50-63, 2022.

ALVES, Ana Carla Pinheiro et al. A formação do (a) pedagogo (a) e a abordagem de gênero no âmbito educativo: uma análise crítica da práxis docente. 2018.

ARAÚJO, Messias Pereira; HAMMES, Care Cristiane. A androfobia na educação infantil. **Interfaces da Educação**, v. 3, n. 7, p. 5-20, 2015.

BAGGENSTOSS, Grazielly Alessandra et al. Não há lugar seguro. 2019.

BARRETO, Danielle Jardim et al. Heterossexualidades e suas interfaces lgbtfóbicas na universidade. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 14, n. 44, p. 286-302, 2021.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996, 2. ed. –Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018. 58 p.

CARLOS, Beatriz Nunes. A educação para a (des) igualdade de gênero: O papel da educação na (re) produção dos estereótipos de gênero. **Repositório Universidade Nova**, 2019.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: desde uma perspectiva global**. Universitat de València, 2018.

DA ROCHA, Rozane de Fátima Zaionz. O professor como sujeito ativo do processo ensino–aprendizagem e a retenção escolar. **Revista Intersaberes**, v. 2, n. 4, p. 191-200, 2007.

DA SILVA, Édla Kerollayne Tavares; ARANTES, Adlene Silva. Representações sociais sobre a feminização do magistério na imprensa pernambucana (1885-1915). **Revista HISTEDBR On-line**, v. 21, p. e021012-e021012, 2021

DISQUE 100 REGISTRA MAIS DE 17,5 MIL VIOLAÇÕES SEXUAIS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NOS QUATRO PRIMEIROS MESES DE 2023. gov.br. 2023. Publicado em 17/05/2023 15h35 Atualizado em 17/05/2023 16h06. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contras-criancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023#:~:text=Nos%20quatro%20primeiros%20meses%20de%202023%20foram%20registradas%2C%20ao%20todo,e%20explora%3%A7%3A3o%20sexual%20%E2%80%93%20e%20ps%3ADquicas>. Acesso em: 28, de setembro de 2023.

DOS SANTOS PASSOS, Robervaldo Neri; MACEDO, Alice Costa. Afeto é palavra masculina: experiências de um estagiário da Educação Infantil no recôncavo da Bahia. **Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 796-806, 2020.

FARBER, Susana Gauche; VERDINELLI, Miguel Angel; RAMEZANALI, Mehran. A universidade está contribuindo para a igualdade de gênero? Um olhar sobre a percepção dos docentes de pós-graduação. **Revista Gestão Universitária na América Latina-Gual**, p. 116-140, 2012.

- FERREIRA, Murilo Rocha; DE OLIV, Ivanilton José. A atuação do homem na docência da Educação Infantil no Brasil. **Revista Plurais-Virtual (e-ISSN 2238-3751-ISSN 1984-3941)**, v. 9, n. 3, p. 303-316, 2019.
- Gil, Gilberto. **Andar com Fé**. No álbum "Andar com Fé". 1982. Gravadora XYZ.
- GONÇALVES, Josiane Peres; DA PENHA, Natalia Ribeiro. Professor homem na educação infantil: o olhar de acadêmicos e alunos egressos do curso de pedagogia. **Zero-a-Seis**, v. 17, n. 32, p. 170-192, 2015.
- JUNGES, Rafaela; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Meninos que brincam com bonecas viram meninas? Diferenças de gênero nas brincadeiras de crianças de 4 a 5 anos. **Perspectiva**, v. 35, n. 1, p. 262-282, 2017.
- KRAWCZYK, Nora; LOMBARDI, José Claudinei. O golpe de 2016 e a educação no Brasil. **Uberlândia: Navegando Publicações**, p. 1-2, 2018.
- LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever. **Educação, sociedade & culturas**, v. 25, n. 2007, p. 235-245, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, p. 17-23, 2008.
- LÜCK, Heloísa et al. Dimensões da gestão escolar e suas competências. **Curitiba: Editora Positivo**, v. 1, 2009.
- MARTINS, Maria Anita Viviani. Pedagogia: sua construção como um fenômeno de significações humanas. **Revista@ mbienteeducação**, v. 2, n. 1, p. 28-38, 2009.
- MEDEIROS, Paulo; DA SILVA, Rosangela. A formação do pedagogo do século XXI, quebrando paradigmas. **Concilium**, v. 22, n. 1, p. 198-211, 2022.
- NARDI, Henrique Caetano et al. O “armário” da universidade: o silêncio institucional e a violência, entre a espetacularização e a vivência cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero. **Revista Teoria & Sociedade**, v. 21, 2013.
- NASCIMENTO, Aretha Soares et al. A atuação do pedagogo em espaços não escolares: desafios e possibilidades. **Pedagogia em Ação**, v. 2, n. 1, p. 61-65, 2010.
- NETO, Alfredo Naffah. Com os pés no chão: sobre como se pode sonhar a conquista de um corpo próprio num processo de análise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 52, n. 2, p. 141-150, 2018.
- NOBRE, Robério Ferreira; DA SILVA LIMA, Luiz Fernandes; DOS SANTOS, Joao Paulo Martins. Afetividade na formação e prática do pedagogo. **Experiências da formação de professores na escola e na universidade**, p. 27.2020
- OSTROVSKI, Crizieli Silveira; SOUSA, Cintia Metzner de; RAITZ, Tânia Regina. Expectativas com a carreira docente: escolha e inserção profissional de estudantes de Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 98, p. 31-46, 2017.

PIAZZETTA, Tamara; GONÇALVES, IFRS–Câmpus Bento. O masculino na docência na educação infantil e anos iniciais. **Anais do Seminário**, 2000.

RIBEIRO, Vaena Caroline Martins; FERREIRA, Maria da Luz Alves. Desigualdade de gênero na universidade: ênfase no sexo feminino. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 18, n. 1, p. 53-64, 2016.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Ana Beatriz da Silva. Caminhos que perpassam a escolha profissional, um olhar educativo. 2021.

SANTOS, Adnei da Silva Seixas et al. O PEDAGOGO E SUA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 8, p. 1382-1391, 2022.

SEFFNER, Fernando. Sempre atrás de um buraco tem um olho: racionalidade neoliberal, autoritarismo fundamentalista, gênero e sexualidade na Educação Básica. **Práxis Educativa**, v. 15, 2020.

SILVA, Júlio Régis da; MARTINS, Viviane Lima. O professor homem na educação infantil: um olhar acerca do preconceito. **Revista científica Intr@ ciência, Guarujá, Edição**, v. 11, p. 1-23, 2016.

SILVA, Renan Mota et al. O homem pedagogo e o mercado de trabalho: oportunidades e desafios. **Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade**, v. 7, n. 14, p. 148-154, 2020.

SOUZA, Bruno Barbosa de et al. Os discursos de gênero e sexualidade na formação de professoras/es. 2018.

SOUZA, Daniel Freitas de. Professores homens na educação infantil: desafios, conquistas, reconhecimentos e limites. 2022.

WAZLAWICK, Raul Sidnei. **Metodologia de pesquisa para ciência da computação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

ZAIAS, Daiane; LIMA, Michelle Fernandes. Os desafios do pedagogo no contexto escolar. **SEMINÁRIO DE PEDAGOGIA; ENCONTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL; JORNADA DE COGNIÇÃO E APRENDIZAGEM**, v. 1, n. 4, p. 2, 2010.

**APÊNDICE A** – Entrevista com os discentes da Universidade Federal de Sergipe-Campus Professor Alberto Carvalho- Itabaiana/SE

- 1- Você já enfrentou alguma situação de discriminação de gênero durante sua formação? Qual?
- 2- Você acredita que existem diferenças de gênero na profissão de pedagogo? Por quê?
- 3- Quais são os desafios que você percebe para os estudantes do gênero masculino que escolhem a Pedagogia como profissão?
- 4- Como a sociedade enxerga o professor pedagogo? Há estereótipos de gênero na profissão?
- 5- Qual é o papel da universidade na promoção da igualdade de gênero entre os pedagogos?
- 6-Quais benefícios a presença de pedagogos homens podem trazer para a educação, especialmente na primeira infância, na educação infantil?
- 7- Quais estratégias você acha que as escolas poderiam adotar para incluir mais homens como profissional pedagogo?
- 8- Qual é a importância de discutir questões das relações de gênero na formação de pedagogos?
- 9- Por que escolheu cursar a graduação de Pedagogia?
- 10- Como um futuro pedagogo, como você enxerga o cenário educacional?

**APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa de monografia que está sendo desenvolvida na Universidade Federal de Sergipe, no Departamento de Educação (DEDI), sob a responsabilidade do estudante pesquisador DANIEL DOS ANJOS NASCIMENTO orientação da Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi. **O objetivo dessa pesquisa: é investigar como as relações de gênero atravessam a formação do pedagogo no curso de Pedagogia do Campus Prof. Alberto Carvalho, na Universidade Federal de Sergipe, com foco na identificação de preconceitos e desafios enfrentados pelos discentes.**

A sua participação é voluntária e acontecerá por meio de uma entrevista. Nela, serão explorados aspectos relativos à sua compreensão acerca sobre suas vivências na formação acadêmica, de modo a compreender suas motivações, percepção com relação à questão do gênero no trabalho, estágio e suas angústias e desafios.

A entrevista será gravada, após seu consentimento, para posterior transcrição e análise. Não serão usadas imagens e as identidades serão preservadas com a utilização de pseudônimos.

Os dados coletados, bem como o termo de consentimento livre e esclarecido, serão armazenados e somente terão acesso a eles você participante, o pesquisador e sua orientadora. Se tiver dúvida você pode procurar a orientadora responsável por esta pesquisa.

## Consentimento pós-informação

Considerando as informações acima descritas, que esclarecem o que o pesquisador pretende fazer e a minha forma de participação na presente pesquisa, concordo com a participação no estudo sabendo que: a) tenho o direito e a liberdade de desistir da participação, retirando meu consentimento em qualquer fase, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à minha pessoa; e b) não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira por minha participação. Este termo apresenta duas vias, que serão assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

**Em caso de dúvidas sobre o estudo**, poderá entrar em contato com o pesquisador abaixo: DANIEL DOS ANJOS NASCIMENTO. E-mail: [Danjos937@gmail.com](mailto:Danjos937@gmail.com)

Itabaiana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

---

Discente Participante

---

Estudante Pesquisador